

SANTOS E MILAGRES
NA IDADE MÉDIA EM PORTUGAL

*Textos da Antiguidade Tardia
e Alta Idade Média*



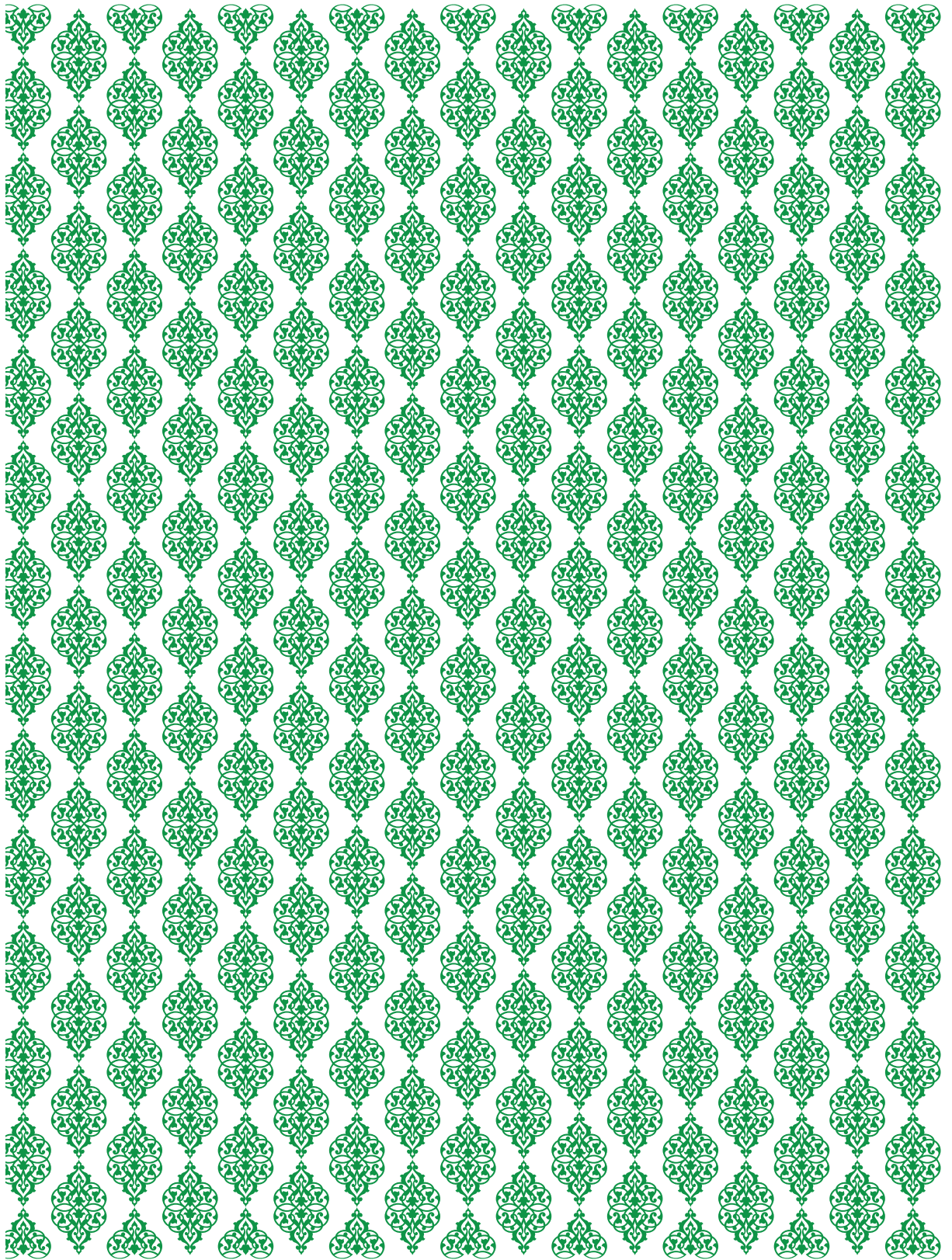
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

FCT FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Volume elaborado
no âmbito da área de investigação
In Occidua Plaga. Cultura e
Sociedade na Latinidade Medieval

Director da coleção: Paulo Farnhouse Alberto
Consultor científico: Arnaldo do Espírito Santo

PERFUMES
& COMPANHIA





**SANTOS E MILAGRES
NA IDADE MÉDIA
EM PORTUGAL**

*Textos da Antiguidade Tardia
e Alta Idade Média*



WITH A NOTE ON SAINT LAWRENCE AND HIS CULT,
WITH SPECIAL REFERENCE TO PORTUGAL AND LISBON

André Simões

Lisboa, 2013



SÃO LOURENÇO

Diácono e Mártir





INTRODUÇÃO



Dos Apóstolos quase igual,
Lourenço arcediogo
coroa igual à dos mártires
a fê de Roma consagrou.

I

O Martírio

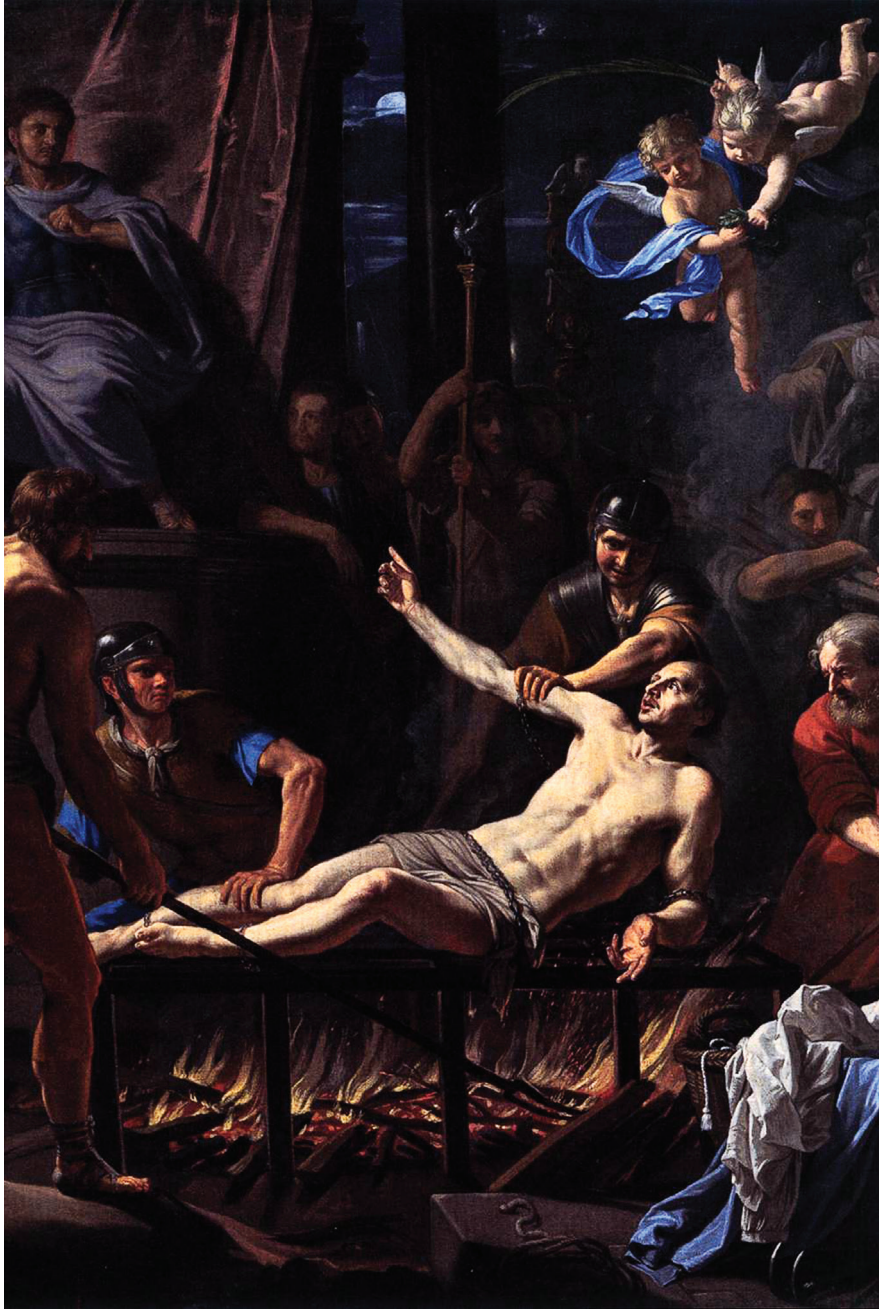
na tradição hagiográfica

Primeiro dos diáconos da Igreja de Roma, São Lourenço foi martirizado, segundo a tradição, a 10 de Agosto de 258, durante a perseguição decretada pelo imperador Valeriano. A tradição hagiográfica mais antiga, já consolidada na transição do século IV para o século V em autores como Ambrósio, Prudêncio e Agostinho, concorda em três pontos: a) a profecia do papa, ou seja, o bispo de Roma, e mártir Sisto II sobre a morte de Lourenço; b) a reunião dos pobres e doentes de Roma e a sua apresentação como as verdadeiras riquezas da Igreja; c) o suplício da grelha e a sarcástica tirada que lança ao verdugo: “Vira, que já está assado, e come!” Mais tarde, ser-lhe-á também associado o martírio de Santo Hipólito¹. Concentremo-nos, para já, no que a São Sisto e São Lourenço diz respeito.

1. A PROFECIA DE SISTO

Na sequência das ordens imperiais que determinavam a execução dos membros da hierarquia eclesiástica, são presos em Roma o bispo Sisto II e quatro dos seus sete diáconos². Sisto confia então a Lourenço as propriedades da Igreja, e recomenda-lhe que as venda e distribua o seu produto pelos pobres. O martírio do papa tem lugar a 6 de Agosto de 258. No momento em que Sisto é conduzido para a morte, surge-nos Lourenço lavado em lágrimas, seguindo o seu bispo. Não nos iludamos: o diácono não chora a morte iminente de Sisto, mas deplora a sua própria sobrevivência, e increpa o mestre por permitir que fique vivo o seu discípulo. Mais três dias apenas é o prazo

1 Para uma maior contextualização sobre estas questões, vejam-se as Notas Adicionais deste volume.
2 São Cipriano, contemporâneo dos factos, refere na sua epístola 80 apenas quatro diáconos, sem os nomear. A tradição posterior, como o *Liber Pontificalis* ou a mais tardia paixão de Policrónio, enumera e nomeia seis diáconos (Felicíssimo, Agapito, Januário, Magno, Vicente e Estêvão), singularizando assim Lourenço, o sétimo e último.



Jean-Baptiste de Champaigne, *Martírio de S. Lourenço*, c. 1660, National Gallery of Art, Washington.

I

que o diácono tem na terra, segundo a promessa que lhe fora feita por Sisto, num derradeiro consolo ao discípulo dilecto, e que simbolicamente marca o início do seu martírio. Este episódio tem as suas primeiras referências em *Dos deveres dos clérigos* de Santo Ambrósio, composto entre 386-391, e no hino 2 de Prudêncio, composto provavelmente entre 392-401. Ambos os textos se acham traduzidos neste volume.

2. OS POBRES E DOENTES DE ROMA SÃO AS RIQUEZAS DA IGREJA

Ausentes então de Itália os imperadores Valeriano e Galieno em operações militares nas fronteiras do Império, ficou em Roma com plenos poderes o prefeito da cidade Públio Cornélio Secular, nome desconhecido da tradição hagiográfica. Cobiçoso da afamada opulência da Igreja, o prefeito exige a Lourenço que lhe traga as riquezas que estavam a seu cargo. Lourenço simula aceder às exigências do perseguidor, solicitando contudo uma trégua de dois dias, de modo a poder reunir as riquezas exigidas. Mas se o magistrado esperava as alfaias preciosas e o produto dos legados dos fiéis, as riquezas que Lourenço lhe apresenta são de uma qualidade muito distinta: perante os olhos do atónito e furibundo prefeito desfila um exército de indigentes e aleijados que o diácono recolheu nas ruas de Roma. São estas as riquezas da Igreja, declara Lourenço, numa frase que se tornou também ela um dos tópicos da sua paixão, é este o ouro verdadeiro e incorruptível, estes corpos débeis, no entanto mais puros e belos por dentro do que os corpos bem tratados dos poderosos, destruídos por dentro por uma lepra moral.

3. O SUPLÍCIO DA GRELHA

Insensível ao argumento e furioso por ter sido ludibriado, o prefeito ordena que Lourenço seja executado. Consciente, todavia, de que este é precisamente o mais ardente desejo do diácono, sôfrego de abandonar a vida terrena e encontrar a glória de Cristo, o magistrado determina que os tormentos sejam infligidos de

I

forma a adiar e a tornar o mais dolorosa possível a morte. Lourenço é então posto sobre uma grelha metálica, sob a qual são atizados carvões em brasa³. O diácono suporta impassível o horrível tormento, a ponto de conservar o seu sarcasmo, bem expresso numa das mais conhecidas tiradas em toda a literatura hagiográfica: sentindo, com efeito, um dos lados do seu corpo já bastante queimado, o mártir eleva a voz, dirigindo ao verdugo as famosas palavras: “Está assado, vira e come!”⁴.

São estas, pois, as linhas gerais do martírio de São Lourenço, tal como o referem os autores da transição do século IV para o V, traduzidos neste volume (Santo Ambrósio, Prudêncio e Santo Agostinho), retomadas e amplificadas na paixão constante do *Passionário Hispânico*.

3 Algumas tradições populares da Europa meridional chamam à chuva de meteoros das Perseidas, que ocorre com maior intensidade entre 8 e 14 de Agosto, “Lágrimas de São Lourenço”, associando assim os riscos de fogo que rasgam os céus às brasas postas sob a grelha do martírio.

4 Sobre os problemas associados à historicidade deste suplício, vejam-se as Notas Adicionais deste volume.

II

O Culto

1. O CULTO NA PENÍNSULA ITÁLICA

Lourenço expirou no décimo dia de Agosto do ano 258. De acordo com a *Depositiō martyrum*⁵, o corpo foi sepultado na Via Tiburtina, onde logo se inicia um importante culto das suas relíquias, e onde será mais tarde construída uma basílica no tempo do imperador Constantino, cerca de meio século depois do martírio. A importância que o culto de São Lourenço alcançou em Roma bem se revela no facto de a renovação do seu santuário, no século IV, constituir o primeiro exemplo de patrocínio imperial a um santo. Com efeito, sobre o local do enterramento de São Lourenço, ou seja, no cemitério de Santa Ciríaca, no Agro Verano (Via Tiburtina), mandou Constantino, imperador entre 306-337, construir uma basílica com acesso à catacumba, no lugar da actual Basílica de San Lorenzo fuori le Mura, assim chamada por, na altura, se localizar fora da cidade. Determinou, além disso, que a sepultura fosse rodeada de pesadas grades de prata, de acordo com o *Liber Pontificalis*, documento de datação problemática cujo núcleo mais antigo deverá remontar ao século VI:

Nesse mesmo tempo, Constantino fez uma basílica dedicada ao bem-aventurado mártir Lourenço, na Via Tiburtina, no Agro Verano, sobre a cripta, e fez degraus para subir e descer até ao corpo de São Lourenço. Neste lugar construiu uma ábside, e ornamentou-a de mármore de cor púrpura, e por cima fechou o lugar com prata e ornou as grades com prata da mais pura [...] Diante do corpo do bem-aventurado Lourenço representou a sua paixão em medalhões engastados de prata (*Liber Pontificalis*, 34, 24).

5 Trata-se de uma lista que ordena os mártires pela data do seu martírio, indicando o local da sua sepultura. Juntamente com outros documentos, como a *Depositiō episcoporum*, lista similar para os bispos, configura o *Cronógrafo* de Filócalo, do ano 354.

II

Até cerca do ano 580, altura em que o papa Pelágio II (579-590) determinou a construção de uma basílica *ad corpus*, ou seja dentro da própria catacumba e ao lado do sepulcro, há registo de várias iniciativas papais que revelam a vitalidade do culto, e que criaram uma verdadeira cidade em redor do santuário. Assim, e para citar apenas alguns exemplos, os papas Zózimo (417-418) e Sisto III (432-440) foram sepultados na catacumba, perto do túmulo do mártir; o papa Hilário (461-468) ali construiu uma residência papal, um mosteiro, banhos públicos e uma biblioteca com uma secção de autores latinos e outra de autores gregos, como era usual, enquanto os seus sucessores Simplício (468-483) e Félix III (483-492) ali dedicaram igrejas a Santo Estêvão e a Santo Agapito. Foi já em 1217 que o papa Honório III (1216-1227) ampliou significativamente a antiga basílica de Pelágio II, por ocasião das cerimónias da coroação de Pierre de Courtenay como Imperador Latino de Constantinopla. A basílica sofreu nova intervenção entre 1855-1864, quando Virginio Vespignani eliminou as adições feitas no período barroco, para lhe acrescentar, por sua vez, elementos decorativos contemporâneos. A configuração actual data apenas de 1948, quando, na sequência da profunda destruição do bombardeamento aliado de 19 de Julho de 1943, o edifício foi reconstruído, e retirados os acrescentos de Vespignani. A Basílica de San Lorenzo fuori le Mura é uma das cinco igrejas patriarcais de Roma, juntamente com as de Latrão, de São Pedro no Vaticano, de São Paulo fora dos Muros e de Santa Maria Maior.

Outra importante igreja romana é a basílica de San Lorenzo in Damaso, que a tradição diz ter sido dedicada no ano 380 por São Dâmaso e cujo primeiro testemunho documental data de 499, por alturas do sínodo convocado pelo papa Símaco. Situada nas imediações do antigo teatro de Pompeio, é o primeiro templo conhecido dedicado a um santo dentro dos muros da cidade, o que por si só dá testemunho da importância deste mártir para a Igreja romana da época. É igreja titular desde a fundação, sendo designada nas actas do sínodo do papa Símaco com o título do seu fundador, de acordo com as práticas da época, ou seja *titulus Damasi* (“título de Dâmaso”). O edifício hoje visível está incorporado no Palazzo della Cancelleria e

II

é uma construção moderna, iniciada no século XVI e concluída no século XVIII. Em Milão houve igualmente uma importante basílica, consagrada nos finais do século IV ou inícios do século V. O edifício actual, a basílica de San Lorenzo Maggiore, é fruto de diversas reconstruções, concluídas no século XVIII, na sequência de vários desastres naturais. Do edifício primitivo restam já poucos, embora significativos, vestígios, nomeadamente a capela de santo Aquilino, datável da época da fundação, e onde ainda hoje se podem ver magníficos mosaicos paleocristãos. Estes exemplos atestam bem a importância que desde cedo São Lourenço gozou no Império Romano.

2. O CULTO NA HISPÂNIA

Nos versos finais do segundo hino do *Peristephanon*, composto no final do século IV, Prudêncio alude à veneração das relíquias de São Lourenço em Roma, lamentando a sua inexistência na Hispânia. A ausência de relíquias não implica, contudo, a inexistência de culto. Os versos são, além disso, demasiado vagos para permitirem perceber com clareza a verdadeira importância do culto aquém dos Pirenéus. Certo é que pouco mais de uma centena de anos depois, em pleno século VI, aparece atestada pela primeira vez a existência de relíquias na Hispânia, numa base de mármore originária da igreja de São Pedro e São Paulo, em Loja (Córdova). Possivelmente já no século VI, mas seguramente na primeira metade do século VII, havia em Mérida uma basílica dedicada aos santos Cipriano e Lourenço. Datam, com efeito, desta época as *Vidas dos Padres Emeritenses*, onde se relata a aparição dos santos a uma viúva que, em vão, tentava todos os dias chegar à basílica de santa Eulália, onde o moribundo bispo Fiel, que exerceu o cargo entre 560-571, distribuía aos pobres notas de quitação das dívidas:

II

Apareceram-lhe certa noite, numa visão, os santíssimos mártires Cipriano e Lourenço, dizendo-lhe:

– Sabes porque é que não encontras o lugar?

Ela respondeu:

– Não sei.

E dizem eles:

– Porque é que acorres tanto às restantes basílicas dos nossos outros irmãos mártires, e desdenhas vir até nós?

Ela, logo se levantando, acorreu à basílica deles (*Vidas*, 4, 10).

Na mesma obra temos outro testemunho do culto no território hispânico, desta vez no tempo em que era abade do mosteiro de Cauliana, perto de Mérida, Renovato (†633), que mais tarde haveria de ser bispo de Mérida. É neste mosteiro que um monge, às portas da morte, tem uma visão na qual lhe aparece São Lourenço, acompanhado dos apóstolos Pedro e Paulo (*Vidas*, 2, 20).

Actualmente São Lourenço possui em Espanha um culto especialmente importante em Huesca, cidade que se arroga pátria do mártir⁶, mas também em Valência, em cuja catedral se acredita estar o Santo Graal, enviado de Roma pelo mártir. Com efeito, uma tradição muito tardia coloca entre os bens que Sisto confiou a Lourenço nada menos do que o Santo Graal, que o mártir teria feito chegar a Huesca. As primeiras notícias relativamente seguras datam apenas de 1071, ano em que um documento refere um cálice precioso no mosteiro de San Juan de la Peña, em Huesca. Daí passou para Saragoça, para as mãos do rei aragonês Martim I, em 1399, e acabou na posse de Afonso V o Magnânimo, que o depositou na catedral de Valência em 1424, onde ainda hoje pode ser visto. Trata-se no entanto de uma taça datável do século I a. C. engastada num suporte muito posterior. Uma das fontes desta lenda tardia é uma obra publicada em Salamanca em 1636, a *Vida y martirio del glorioso español San Lorenzo sacados de unos antiquísimos escritos del celebrado Abad Donato* de Lorenzo Mateu y Sanç.

6 Sobre a suposta origem hispânica de São Lourenço vejam-se as Notas Adicionais deste volume.

II

A liturgia hispânica reservava um lugar importante ao nosso mártir. O Oracional dito de Tarragona, códice de finais do século VII ou inícios do século VIII, regista sete orações para o dia de São Lourenço (n.º 1146-1152). Com uma só excepção, todas elas fazem jogos de palavras entre as chamas malignas do martírio e do século, e o refulgir do lume da santidade. Vejamos a título de exemplo a oração 1148:

Senhor Jesus Cristo, que ao teu bem-aventurado mártir Lourenço concedeste mais pelos seus abundantes méritos refulgir do que pelas chamas ser atingido, para que o fortíssimo mártir fervesse mais pelo teu amor do que pelo lume do incêndio: concede que com uma centelha da sua fé de tal guisa ardamos que não sejamos queimados pelo fogo do século.

Reservam igualmente leituras, missas e sermões para o dia de São Lourenço vários outros livros da liturgia hispânica. Um manuscrito do século IX contém uma missa conjunta dos Santos Sisto, Lourenço e Hipólito, e um ofício para o dia de São Lourenço, no dia 10 de Agosto. O Antifonário de León, do século X, mas que remontará a um modelo do século VII, apenas comemora a festa de São Lourenço, ignorando Sisto e Hipólito. O leccionário hispânico do século XI que chegou até nós, por seu lado, dedica ao dia do santo leituras do Antigo Testamento (Sabedoria 3:1-8), alusivas às chamas do suplício, e do Novo Testamento (2 Coríntios 9:6-13; Mateus 18:18-20), alusivas às esmolas distribuídas aos pobres e às recompensas celestes reservadas aos justos. O sacramentário de Vich, de meados do século XI, apresenta leituras para a vigília de São Lourenço, bem como duas missas para o dia do santo e leituras para as oitavas. O sacramentário de Ripoll, do final do século XI ou inícios do XII, apresenta leituras para a vigília, para o dia e para as oitavas de São Lourenço. Apresenta igualmente leituras separadas para o dia de São Sisto e para o de Santo Hipólito. No território actualmente português, o Passionário do Lorrvão, da primeira metade do século XII, apresenta uma paixão de São Lourenço retirada da secção correspondente da paixão de São Policrónio e companheiros, diferente portanto da traduzida neste volume.

II**3. O CULTO NO ACTUAL TERRITÓRIO PORTUGUÊS**

A mais antiga referência a uma igreja de São Lourenço em território português encontra-se num documento de 25 de Setembro de 883, em que Afonso III de Leão e sua mulher, D. Ximena, doam a D. Sesnando, bispo de Compostela, uma igreja situada junto de Travassô (Águeda), perto do rio Cértima. Trata-se sem dúvida da actual povoação e freguesia de São Lourenço do Bairro, no concelho de Anadia. Também a igreja de São Lourenço dos Francos, no concelho da Lourinhã (diocese de Lisboa), poderá ter a sua origem numa fundação do século IX, embora o edifício actual seja fruto de reconstruções nos séculos XVI e XVII⁷.

No século XII há diversas referências a igrejas de São Lourenço. É o caso das doações à Sé de Braga da ermida que Gonçalo Tauroniz faz em 1101, da igreja doada por Bermudo Bermudes em 1147 (concelho de Amares), a referida num documento de Mondo Gomes em 1151 ('Sancti Laurentii de Calvelo'), hoje S. Lourenço do Mato, concelho de Ponte de Lima (também designada 'de Arcelos' num documento de 1158). Em 1107, Aimar e sua mulher doam à Sé de Coimbra, entre outros bens, uma igreja de S. Lourenço.

Em Portugal, há um assinalável número de paróquias que têm São Lourenço por orago: nada menos do que 61, espalhadas por quase todas as dioceses do território do continente, com a excepção de Beja e do Algarve, sinal claro da importância do culto do mártir no nosso país⁸.

Significativa é também a distribuição geográfica destas paróquias consagradas a São Lourenço, com clara preponderância a norte do Douro, onde se concentra mais de metade,

7 Para uma lista das igrejas portuguesas dedicadas a São Lourenço vejam-se as Notas Adicionais deste volume.

8 O Anuário Católico apresenta a lista completa neste endereço: http://www.portal.ecclesia.pt/anuario/ficha_orago.asp?oragoid=84.

II

e sobretudo na arquidiocese de Braga. Não serão estranhas a esta distribuição as contingências da nossa História, concretamente o período muçulmano, pouco significativo a norte do Douro, duradouro e determinante sobretudo a sul do Tejo. Por outro lado, esta escassez a sul do Mondego e a ausência absoluta em Beja e no Algarve, aliada à existência de um único orago nas ilhas atlânticas, onde o problema da ocupação muçulmana obviamente não se coloca, poderá também indicar que o culto, forte antes e nos alvares da Nacionalidade, terá enfraquecido nos tempos seguintes, a ponto de a Reconquista, e mais tarde as Descobertas, não terem visto nascer de forma significativa novos oragos de São Lourenço.

No que respeita à hagiotoponímia, ou seja a utilização do nome de São Lourenço para designar povoações, registem-se, a título de exemplo, os seguintes topónimos ou freguesias urbanas ordenados alfabeticamente por concelho (assinalamos com *itálico* as povoações sede de freguesia):

Localidade	Concelho	Distrito
<i>São Lourenço do Bairro</i>	Anadia	Aveiro
São Lourencinho	Anadia	Aveiro
Portela de São Lourenço	Ansião	Leiria
São Lourenço	Bragança	Bragança
São Lourenço	Chaves	Vila Real
<i>São Lourenço</i> ⁹	Elvas	Portalegre
<i>São Lourenço de Mamporcão</i>	Estremoz	Évora
<i>Sande (São Lourenço)</i>	Guimarães	Braga
<i>São Lourenço de Selho</i>	Guimarães	Braga
<i>São Cristóvão e São Lourenço</i>	Lisboa	Lisboa

II

Casais de São Lourenço	Mafra	Lisboa
São Lourenço	Mafra	Lisboa
São Lourenço	Marco de Canavezes	Porto
<i>São Lourenço do Douro</i>	Marco de Canavezes	Porto
São Lourenço	Montalegre	Vila Real
São Lourenço	Penafiel	Porto
<i>Touvedo - São Lourenço</i>	Ponte da Barca	Viana do Castelo
<i>São Lourenço de Ribapinhão</i>	Sabrosa	Vila Real
<i>São Lourenço</i>	Setúbal	Setúbal
São Lourenço do Palmeiral	Silves	Faro
São Lourenço	Vila Nova de Gaia	Porto
São Lourenço	Vila do Porto	R. A. dos Açores

Às freguesias acima listadas podemos acrescentar a de Miragaia (Lourinhã, distrito de Lisboa), ainda hoje conhecida também pelo seu antigo nome de São Lourenço dos Francos.

São Lourenço é também nome de alguns acidentes geográficos em Portugal, como a ribeira, a praia e a ponta de São Lourenço (concelho de Mafra, distrito de Lisboa), o ilhéu de São Lourenço (Ilha de Santa Maria, Açores) ou a ponta de São Lourenço (Machico, Madeira).



TEXTOS SOBRE SÃO LOURENÇO

I

Paixão de Sisto, Lourenço e Hipólito
(BHL 7811-7812)

II

São Dâmaso, Epigrama 33

III

Prudêncio, *Peristephanon* 2

IV

Santo Ambrósio
Dos deveres dos clérigos e Hino 13

V

Santo Agostinho
Sermões para o dia de São Lourenço

VI

Gregório de Tours, *Glória dos Mártires*

VII

Venâncio Fortunato, Poema 9, 14

I Paixão de Sisto, Lourenço e Hipólito

(BHL 7811-7812)¹⁰

Uma paixão é o relato de um martírio, destinada a ser lida, parcialmente ou na totalidade, na liturgia do dia do santo. Constitui o panegírico do mártir, modelo de virtudes cristãs a ser seguido pela comunidade dos crentes. O género tem a sua origem nas próprias actas dos inquéritos judiciais romanos ou em notas tomadas por testemunhas do processo. Estas actas primitivas são extremamente raras, devido sobretudo a terem sido escritas em materiais perecíveis, como o papiro ou tabuinhas de cera, ou ao facto de em algumas perseguições os documentos eclesiásticos terem sido vítimas de confisco e destruição organizada. Bastante mais abundantes são as chamadas “paixões épicas”, na consagrada designação do padre Hipollyte Delehay, que se caracterizam por uma ténue, por vezes mesmo ausente, relação com a realidade. Confrontado com a ausência de dados sobre um martírio ocorrido algumas gerações antes, o hagiógrafo constrói uma narrativa possível, baseada muitas vezes em pouco mais do que uma tradição oral que vai enriquecendo com dados retirados de outras paixões ou das próprias Escrituras. O esquema geral é relativamente invariável. Após um parágrafo inicial que fornece o nome do mártir, a data e lugar do martírio e o nome do juiz ou imperador que conduziram o processo, segue-se o corpo da narrativa, geralmente precedido de um breve prólogo. Relatam-se então as circunstâncias da prisão, bem como os interrogatórios,

10 As paixões catalogadas BHL 7811 e 7812 apresentam na verdade o mesmo texto apenas com ligeiras variantes.



Lucas Vorsterman (1595–1675), *Martírio de S. Lourenço*, 1621,
Harvard Art Museums/Fogg Museum

I

tormentos e morte. O texto termina com um epílogo em que se louvam os méritos do mártir e se relatam os factos ocorridos após a morte (o enterramento, milagres, etc.), e com uma doxologia final, em geral glosando o tema da glorificação de Cristo ou da Santíssima Trindade.

A paixão aqui apresentada integra o *Passionário Hispânico*, o *corpus* textual que reunia as paixões dos mártires destinadas à leitura nos ofícios da liturgia hispânica durante os séculos VII a XI, e que tem como testemunho mais antigo um códice proveniente do mosteiro de São Pedro de Cardeña (Burgos) datável de meados do século X¹¹. O texto é contudo mais antigo, provavelmente dos séculos VIII ou IX¹². Trata-se de uma variante da chamada “*passio vetus*”, a paixão mais antiga conhecida de Sisto, Lourenço e Hipólito, cuja composição se poderá situar entre meados do século V e inícios do VI. Em relação a essa paixão mais antiga, o texto presente no *Passionário Hispânico* representa uma tradição posterior cujas inovações são: o diálogo entre Sisto e Lourenço

11 Aútualmente na British Library, com a cota Add. 25600.

12 Fábrega-Grau I, p. 183, que no entanto parte do princípio de que esta paixão seria um resumo de autor hispânico feito sobre a paixão de Policrónio, o que não é correço. Na verdade o mais antigo manuscrito do *Passionário Hispânico* deverá depender, no que respeita às paixões em questão, de um texto que tem o seu testemunho mais antigo conhecido num códice do século X (Verrando 1991, pp. 201 e seguintes). Vejam-se sobre isto as Notas Adicionais deste volume.

I

(parágrafos 5-6), retirado quase textualmente do capítulo do *Dos deveres dos clérigos* de Santo Ambrósio, traduzido neste volume; a sarcástica tirada “Está assado: vira e come!” (parágrafo 8), retirada da mesma obra; c) a oração de Santo Hipólito, antes de ser martirizado (parágrafo 9).

Em rigor podemos dizer que se trata não de uma, mas de quatro paixões: a paixão de São Sisto (parágrafos 1-3; 5-6); a paixão dos santos persas Ábdon e Senes (4); a paixão de São Lourenço (6-8); e a paixão de Santo Hipólito (9-11). É assim evidente a interligação entre as paixões de Sisto e Lourenço, que se conjugam. Já as dos santos Ábdon e Senes bem como a de Hipólito são certamente acrescentos tardios. No que respeita ao martírio de Sisto e Lourenço, o texto segue as linhas gerais da tradição hagiográfica.

II

São Dâmaso

Epigrama 33

Dâmaso, papa entre 366-384, nasceu por volta do ano 304. Embora tradicionalmente lhe seja atribuída a Hispânia como pátria (alguma tradição aponta mesmo Egitânia, a actual Idanha-a-Velha, como local de nascimento), é provável que tenha nascido em Roma, embora de pai hispânico. Durante o seu papado procedeu à renovação e ampliação de muitos túmulos de mártires. Porventura a sua iniciativa mais importante para o Cristianismo ocidental foi o pedido a São Jerónimo, em 382, de uma tradução da Bíblia para latim e revisão das versões pré-existentes, constituindo assim a chamada Vulgata. São-lhe atribuídos vários epigramas de forma clássica e dedicados aos mártires e inscritos nos seus túmulos. É o caso do poema cuja tradução aqui apresentamos, destinado ao altar da primitiva basílica de San Lorenzo fuori le Mura, sobre o túmulo do mártir.

III

Prudêncio

Peristephanon 2

Aurélio Prudêncio Clemente nasceu em 348, na Hispânia, sem que se saiba precisamente onde. As actuais Calahorra, Tarragona e Saragoça reclamam essa honra. Exerceu cargos de relevo na administração do Império, tendo sido duas vezes governador provincial, e chegando mesmo à corte imperial de Teodósio I (imperador entre 379-395). Acabou no entanto por renunciar à vida pública para se dedicar ao louvor de Deus e dos santos, como explica no prefácio à edição da sua obra completa, datada de 405. Este retiro espiritual e literário terá ocorrido entre 392 e 405, pois São Jerónimo, no seu *Sobre homens ilustres*, declara mencionar todos os autores cristãos que escreveram até 392, mas não dedica uma única linha a Prudêncio. Dele chegou-nos a obra completa, organizada, datada e prefaciada pelo autor, o que constitui um caso sem paralelo na literatura antiga. A edição das suas obras completas contém, além do prefácio e do epílogo, sete livros de temática cristã, num total de mais de 10 000 versos. O sexto livro, intitulado *Peristephanon* (“Sobre as Coroas”), é composto por 14 hinos em honra dos mártires. A primeira metade (onde se inclui S. Lourenço) terá sido composta antes da sua estada em Roma, que decorreu entre 401-403. Os hinos 8-10 terão sido escritos na Cidade Eterna, enquanto os hinos 11-14 o foram após o regresso à Hispânia natal, onde morreu por volta de 410.



O hino dedicado a São Lourenço é um dos mais extensos do livro. A par da obra de Ambrósio, Prudêncio é um dos primeiros testemunhos de certos elementos, como o diálogo com o Papa Sisto e o suplício da grelha com a proverbial tirada sarcástica. Lourenço é apresentado como um sucessor dos antigos heróis romanos, como Júlio César ou Fúrio Camilo, como um cônsul sob cuja liderança Roma triunfou definitivamente sobre o paganismo e se converteu ao cristianismo. O passo mais notável e famoso é o longo diálogo entre Lourenço e o prefeito urbano (é a primeira referência ao juiz responsável pelo martírio) e a descrição do cortejo dos pobres: quase metade do poema sublinha com vigor aquele que será um dos principais tópicos da hagiografia de Lourenço, o desprezo pelas coisas terrenas. A ausência de qualquer referência à basílica de São Lourenço fora de Muros é sinal bastante seguro de que o hino foi composto antes da estada em Roma em 401-403. Isto torna-se evidente quando confrontado com os hinos de Santa Eulália (*Perist.* 3) e Santo Hipólito (*Perist.* 11), em que a basílica emeritense e a catacumba romana destes mártires são mencionadas.

IV

Santo Ambrósio

Dos deveres dos clérigos e Hino 13

Ambrósio nasceu por volta de 339-340 em Tréveris (actual Trier), onde o seu pai, alto funcionário imperial, se achava destacado. Faleceu em Milão, em 397. Com a morte do pai a família regressou a Roma, onde Ambrósio recebeu uma esmerada educação, após a qual iniciou uma carreira política que culminou em 370 com a prefeitura da Emília-Ligúria, sediada em Milão. Era então bispo de Milão o ariano Auxêncio, cuja morte em Outubro de 374 desencadeou uma feroz disputa pelo lugar. Ambrósio acabou por ser aclamado bispo pelo povo, ele que era ainda catecúmeno. Foi um acérrimo defensor da ortodoxia católica contra a heresia ariana, e manteve sempre uma assinalável independência em relação ao poder político, sendo disto exemplo eloquente a excomunhão lançada contra o imperador Teodósio, após o massacre de Tessalónica no ano 390, no qual terão sido mortas mais de 7000 pessoas como represália pelo assassínio do governador romano. Deixou uma vasta obra de temática religiosa, cobrindo vários géneros literários, desde os hinos aos sermões, passando pelos comentários às Escrituras e aos tratados teológicos.

IV

Apresentamos neste volume excertos de uma das suas mais importantes obras, o *Dos Deveres dos Clérigos*, tratado de ética cristã centrado fundamentalmente no clero. Foi composto por volta de 386-391, e tem como modelo o *Dos Deveres* de Cícero. Os capítulos aqui traduzidos, 1, 41 e 2, 28, apresentam São Lourenço como modelo a seguir e representam o primeiro testemunho dos principais pontos da tradição hagiográfica de São Lourenço. Incluímos também neste volume uma tradução do hino 13, cuja atribuição ao bispo de Milão tem sido questionada por alguns autores. O poema apresenta uma versão mínima da paixão, embora integrando já os três pontos essenciais, retomados regularmente ao longo de toda a tradição hagiográfica laurentina.

V

Santo Agostinho

Sermões para o dia de São Lourenço

Nascido em 354 em Tagaste, Agostinho foi bispo de Hipona (ambas as cidades na actual Argélia) a partir de 396. Morreu em 28 de Agosto de 430, durante o cerco que os Vândalos puseram à cidade. Foi uma figura essencial na cultura ocidental e no desenvolvimento da teologia cristã, com obras marcantes como as *Confissões*¹³, *A Cidade de Deus*¹⁴ ou *A Trindade*¹⁵, para citar apenas alguns. Deixou também um impressionante acervo de sermões. Chegaram até nós cinco sermões para o dia de São Lourenço, catalogados com os números 302 a 305A. Apresentamos a tradução do sermão 303 e de um excerto do sermão 302. O sermão 302 terá sido pronunciado no ano 400, embora não seja evidente que se trate de um único sermão. Os parágrafos 1-9 tratam da oposição entre a vida terrena e a vida eterna, a única que tem valor. São Lourenço é dado como exemplo de desprezo pelas coisas terrenas, e é contado o episódio da recolha dos pobres e enfermos. Já os parágrafos 10 e seguintes centram-se em um tema muito diverso: o justo não deve perseguir nem atacar o iníquo, sob pena de também ele se tornar iníquo.

-
- 13 A. Espírito Santo, M^a C. Pimentel, J. Beato (trad.); M. B. Costa Freitas (intr.), Santo Agostinho. *Confissões*, Lisboa, 2004.
- 14 J. D. Pereira (trad.), Santo Agostinho. *A Cidade de Deus*, Lisboa, 1996.
- 15 A. Espírito Santo, D. Lucas Dias, J. Beato, M^a C. Pimentel; (trad.); J. M. Silva Rosa (intr.), Santo Agostinho. *Trindade. De Trinitate*, Lisboa, 2007.

V

O sermão parece neste ponto ter como pretexto um caso muito concreto e presente na mente de todos: o linchamento de um soldado pela população. Quanto ao sermão 303, terá sido pronunciado entre 425 e 430. Insistindo de novo na ideia do desprezo das coisas terrenas, apresenta uma versão muito sucinta do martírio de Lourenço, ainda assim tocando nos aspectos essenciais: a apresentação dos pobres como sendo a riqueza da Igreja, e o martírio da grelha, com o célebre “Já está assado (...), virai-me, e comei!”. Agostinho sublinha, além disso, aquele que se tornará um dos tópicos da tradição hagiográfica de São Lourenço: o jogo de contrastes entre o fogo do suplício, que mata, e o fogo espiritual, que conduz à vida eterna, a única que verdadeiramente tem valor.

VI

São Leão Magno

Sermão 85

São Leão Magno, nascido entre 391-400, foi eleito bispo de Roma em 440. O seu papado foi determinante na preponderância da sé de Roma sobre o resto da cristandade. Obteve, com efeito, de Valentiniano III, imperador do Ocidente (425-455), jurisdição sobre todas as províncias ocidentais. Em 452 foi enviado, juntamente com dois antigos magistrados, numa embaixada bem-sucedida ao huno Átila, que devastava já parte de Itália e ameaçava chegar a Roma a qualquer momento. Três anos depois voltou a ter o papel negociador, desta vez sem sucesso, junto do vândalo Genserico, que saqueou Roma no ano 455.

Dos 97 sermões que a crítica filológica lhe atribui apresentamos a tradução do sermão para o dia de São Lourenço. Terá sido pronunciado entre 446 e 461. Apresenta-se neste texto uma versão sucinta do martírio, centrada nos seus pontos essenciais. Ignora, contudo, a sarcástica e proverbial tirada do mártir, bem como a tradição relativa ao diálogo com Sisto. Por outro lado, insiste, tal como Agostinho e a tradição posterior, na vitória do fogo interior, o fogo do amor de Cristo, sobre as chamas mortíferas do carrasco. É de assinalar, por fim, o insistente ataque ao perseguidor, a quem chama saqueador ávido dos tesouros da Igreja. Este ponto tem de ser lido tendo em conta o contexto político da época, sobretudo o referido saque de Roma às mãos dos vândalos chefiados por Genserico.

VII

Gregório de Tours

Glória dos Mártires

Gregório de Tours, nascido cerca de 538-540 e falecido em 594, na actual Clermont, em França, foi eleito bispo de Tours em 573. Por volta de 576 começou a sua obra mais conhecida, a *História dos Francos*, concluída apenas no ano da sua morte, e que relata a história deste povo desde a Criação até ao ano 591. Deixou também importante obra hagiográfica, concretamente os seus Oito *Livros de Milagres*, da qual faz parte a *Glória dos Mártires*, de que dois capítulos descrevem milagres associados a São Lourenço.

VII.1

Venâncio Fortunato

Poema 9, 14

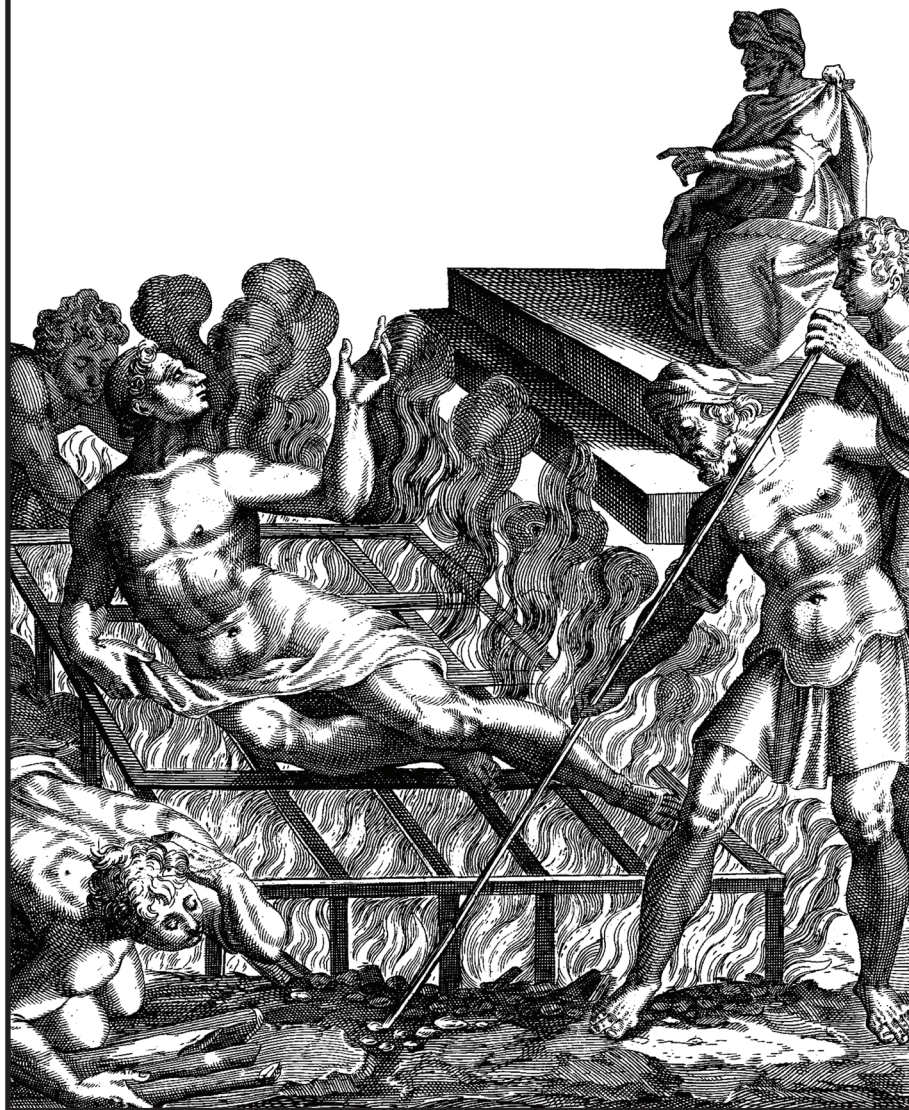
Integrado no capítulo 41 da *Glória dos Mártires* de Gregório de Tours está um excerto do poema 9, 14 de Venâncio Fortunato, seu amigo. Nascido entre 530-540 em Duplavis, a actual Valdo-biadene, perto de Veneza, Venâncio Fortunato foi educado em Ravena. Aí tomou contacto com os clássicos latinos, como Horácio, Vergílio, Ovídio ou Estácio, que influenciaram grandemente a sua produção poética. Por volta de 565 chegou a Metz, sede da corte merovíngia, a tempo de brilhar com a recitação de um epitalâmio durante as cerimónias do casamento do rei Sigiberto com a rainha Brunilda. De Metz partiu para Paris, para a corte de Cariberto I, onde se manteve até 567, quando, com o falecimento do rei, partiu para Tours, onde conheceu Gregório e também Rade-gunda, antiga esposa do rei Clotário, que se veio a fazer monja, em Poitiers, para onde Venâncio a seguiu. Entre 599-600 foi eleito bispo de Poitiers, tendo vindo a morrer entre 600-609.

Foi autor de biografias de bispos gauleses e também de Rade-gunda, mas foi pela sua poesia que se tornou mais conhecido. Compôs, com efeito, 11 livros de poemas, além de uma versão em verso da *Vida de São Martinho*, de Sulpício Severo. Incluímos neste volume a tradução integral do poema 9, 14, apresentado de forma parcial por Gregório de Tours, no qual se relata em dísticos elegíacos o milagre da trave de madeira.



SÃO LOURENÇO

Diácono e Mártir



PAIXÃO DE SISTO, LOURENÇO E HIPÓLITO

(BHL 7811-7812)

(SÉCULO VIII-IX)

1. Paixão dos santos mártires o bispo Sisto, o arcediogo Lourenço e o general Hipólito, que sofreram martírio na cidade de Roma, sendo César Dácio, no dia 10 de Agosto¹⁶. Graças a Deus.

2. Grandes e excelsos são os testemunhos dos mártires, e a palavra mais os diminui do que explica. Nada, contudo, perdem do que lhes é próprio aqueles testemunhos que são reconhecidos por se elevarem por si mesmos. Assim, Sisto, bispo de Roma, nascido e educado em Atenas, primeiro filósofo, depois discípulo de Cristo, ouvindo contar que Dácio estava para chegar a Roma, disse:

– Todos os que nos antecederam sofreram diversos tormentos, de modo que a nós chegasse intacto o estado da Igreja. Na verdade, também nosso Senhor Jesus Cristo ele próprio sofreu para obtê-la, e os apóstolos sem dúvida com sofrimento a conservaram. Nada, pois, devemos empreender e por nada nos devemos esforçar, senão para vivermos com justiça, ou – o que é mais glorioso – para até pela justiça morreremos.

3. E como estas e outras coisas semelhantes expusesse no seu santo discurso, chamou à sua presença Lourenço, o seu arcediogo, cidadão romano, digno varão de Deus, notável na atitude e no rosto e na virtude, e entregou-lhe todos os recursos da Igreja, dizendo:

– Que sejam com zeloso cuidado depositados nas tuas mãos, de forma a que a cupidez do ganancioso rei não consiga a eles chegar.

Então o bem-aventurado Lourenço vendeu a artífices cristãos tudo o que recebera¹⁷, e distribuiu toda a receita pelos pobres.

16 Ou seja “no quarto dia dos idos de Agosto”. Esta é a data do martírio de Lourenço. Sisto foi, segundo a tradição, martirizado a 6 de Agosto, e Hipólito a 13 do mesmo mês. Sobre as imprecisões cronológicas de que padece este texto, vejam-se as Notas Adicionais deste volume.

17 Sobre esta prática em tempos de crise veja-se o capítulo II, 28 do *Dos deveres dos clérigos* de Santo Ambrósio, incluído neste volume.

4. Por conseguinte, ao entrar na cidade de Roma, Décio, impiíssimo César, ofereceu jogos de circo. Quando lançou aos dentes das feras Ábdon e Senes, cidadãos persas, cristianíssimos varões, que trouxera consigo do Oriente, presos em nome de Cristo e por diversos suplícios atormentados¹⁸, as ataduras das mãos destes soltaram-se. Nenhuma das ávidas feras se saciou com eles, mas baixaram os pescoços prostrados. De tal forma, mais pareciam ovelhas do que animais selvagens. Então o impiíssimo César mandou que gladiadores os matassem. Quando foram mortos, ordenou que os corpos fossem lançados para fora do anfiteatro e deixados aos cães, por enterrar. Durante a noite, os cadáveres foram roubados pelos cristãos e sepultados no cemitério Ponciano¹⁹. Era o dia 10 de Agosto²⁰.

5. Depois disto, ordenou que trouxessem à sua presença São Sisto, o bispo de Roma, e disse-lhe:

– Olha pela tua velhice e sacrifica aos deuses!

Assim lhe respondeu com firmeza o bem-aventurado Sisto:

– Isto não são deuses, mas imagens sem voz e desprovidas de ouvido, desprovidas de movimento e desprovidas de visão. Não passam de pedras sem qualquer valor deixadas ao arbítrio humano. E de tal modo é assim que a partir de um mesmo bloco de mármore se esculpem simulacros e se pavimentam as praças.

Então o César, indignado, ordenou que sofresse a pena capital. Enquanto ele era levado, São Lourenço desatou a chorar não a paixão de Sisto, mas porque ele próprio iria ficar vivo. E assim com estas palavras o seguiu, dizendo:

18 Trata-se de mais uma imprecisão, pois Décio nunca esteve no Oriente, ao contrário de Valeriano, em cujo principado ocorreram os martírios relatados.

19 A catacumba de Ponciano fica na Via Portuensis, em Roma.

20 Ou seja “no quarto dia dos idos de Agosto”. A sua festa é, no entanto, a 30 de Julho.

– Para onde vais sem o filho, pai? Para onde, santo sacerdote, avanças sem o teu diácono? Jamais costumavas oferecer o sacrifício sem ministro. O que em mim te desagradou então, pai? Acaso me achaste indigno? Considera se porventura terias escolhido outro mais idóneo: este a quem confiaste a consagração do sangue do Senhor, a quem confiaste participar na celebração dos sacramentos – a este negas participar no teu sangue! Tem cuidado, não vá o teu juízo falhar: quando se louva a fortaleza, a rejeição do discípulo é prejuízo para o mestre. Não é verdade que os homens egrégios vencem com mais lustro nos combates dos seus discípulos do que nos seus? E, por fim, Abraão ofereceu o filho²¹, Pedro enviou Estêvão à sua frente²². Também tu, pai santo, mostra no filho a tua virtude: oferece aquele que instruíste, para que, seguro do teu juízo, atinjas com nobre companhia a coroa do martírio.

6. Então São Sisto disse:

– Eu não te deixo, filho, nem te abandono: maiores combates te são devidos. A nós, já que velhos, cabe-nos a corrida numa competição mais leve; para ti, que és jovem, fica um triunfo mais glorioso sobre o tirano. Em breve virás! Pára de chorar: após três dias seguir-me-ás. Entre sacerdote e diácono convém que medeie este número. Não era digno de ti vencer perante o teu mestre, como se pedisses ajuda. Porque reclamas participar da minha paixão? Deixo-te a ti toda esta herança. Porque requeres a minha presença? Que os discípulos fracos precedam o mestre, mas os fortes sigam-no, para sem mestre vencerem os que de mestre já não carecem. As-

21 Alusão à ordem de Deus a Abraão no sentido de sacrificar o filho Isaac (Génesis 22:1-14).

22 Santo Estêvão, martirizado c. 34 d.C. (Actos 6-7). Estêvão fez parte do grupo de sete homens escolhidos pela comunidade para assistirem os Apóstolos (Actos 6:1-7). Destes sete homens a tradição fez nascer o Diaconato. Nesse sentido, o diácono Lourenço está para o bispo Sisto como Estêvão para Pedro, o sucessor de Jesus e o primeiro dos papas.

sim também Elias deixou Eliseu²³. A ti, pois, confio a sucessão da nossa virtude. Foi degolado fora das muralhas da cidade de Roma, na Via Ápia, no lugar que se chama Encosta de Marte²⁴. Por seu lado, os Cristãos roubaram o seu corpo, e depuseram-no no cemitério de Calisto²⁵, nesse mesmo dia 6 de Agosto²⁶.

7. Então Décio, César iniquíssimo, ordenou que trouxessem à sua presença o bem-aventurado Lourenço, e disse-lhe:

– Onde estão os tesouros da Igreja, que soubemos estarem em teu poder?

Lourenço disse:

– Dois dias de tréguas me sejam dados, para tudo trazer de todas as igrejas.

Então o César ordenou que Lourenço fosse levado sob custódia do general Hipólito.

Então disse-lhe Hipólito:

– Mostra-me os tesouros da Igreja.

Lourenço respondeu:

– Se me deres o teu assentimento de que acreditarás em Cristo, mostrar-te-ei tesouros inestimáveis.

Hipólito disse:

– Se cumprires o dito com o feito, farei aquilo a que me exortas.

23 Eliseu era discípulo do profeta Elias (1 Reis 19:16-19), tendo sucedido ao mestre, depois de este ter sido arrebatado ao Céu (2 Reis 2:11-12).

24 De modo a dar sentido ao texto, adoptamos excepcionalmente aqui a leitura de G. N. Ver-rando, feita a partir de mais manuscritos (“uia Appia, in loco qui appellatur clivum Martis”), em detrimento da de Fábrega Grau, “uia Appia, quae appellatur Cliuus martyr” (“na Via Ápia, que se chama Encosta Mártir”).

25 O cemitério de Calisto fica na Via Ápia.

26 Ou seja “no oitavo dia dos idos de Agosto”.

Então começou São Lourenço a fazer o sinal da cruz sobre os olhos dos cegos e abriam-se os olhos deles. Ao ver isto, Hipólito lançou-se aos pés dele, e, prostrando-se de joelhos, implorava para merecer tornar-se cristão. E quando acolheu a fé do Senhor, dirigiu-se no dia seguinte ao César e disse:

– Lourenço está à porta, com uma multidão de pobres, e garante que não apresenta todos os tesouros se não for recebido com todos eles.

Tendo sido introduzido, disse o César:

– Onde estão os tesouros da Igreja, que prometeras trazer hoje?

Lourenço respondeu:

– São estes os tesouros sempiternos da Igreja!

Então o César, irado, entregou-o a Valeriano, prefeito da cidade de Roma²⁷, dizendo:

– Se ele não sacrificar hoje aos deuses, mata-o com penas diversas!

8. Sentando-se diante do tribunal, Valeriano assim deu início ao interrogatório:

– Com que patrocínio cuidas munir-te, a ponto de nem os deuses nem o César queres que te sejam propícios?

São Lourenço respondeu:

– Todos os que sacrificam aos ídolos com eles estarão no fogo eterno!

Então Valeriano ordenou que fosse assado vivo na grelha, na sua presença. E ao ser assado, de tal maneira de cara alegre dava graças a Deus, que todos admiravam a sua constância. Disse-lhe Valeriano:

27 O texto incorre em novo anacronismo. Valeriano foi, de facto, prefeito, mas entre 250-251, antes da data tradicional para o martírio de Lourenço (258), vindo a ser imperador entre 253-260, juntamente com o filho Galieno. Assim, efectivamente Valeriano foi prefeito do imperador Décio, mas antes da data tradicional do Martírio. Por outro lado, Décio, cujo nome completo era Gaio Méssio Quinto Décio Valeriano, foi prefeito em 248, antes de se tornar imperador (249-251).

– O que dizes agora, Lourenço?

São Lourenço disse:

– Está assado: vira e come!

Disse-lhe de novo Valeriano:

– Onde estão as chamas que prometeras aos deuses?

São Lourenço responde:

– Fica sabendo, infeliz, quão grande é a virtude de nosso Senhor Jesus Cristo: é que estes carvões não me fazem dor, mas refrigério. Acusado, não neguei; interrogado, confessei Cristo; assado, dou-lhe graças.

E assim dizendo, entregou o espírito.

9. Então Hipólito roubou o corpo dele e depô-lo numa cripta muito escondida, não longe da cidade, na Via Ápia, no dia 10 de Agosto²⁸. Ali ficou dois dias, a jejuar e a rezar. Saindo de lá ao terceiro dia, dirigiu-se a sua casa. E antes de conseguir comer qualquer coisa, foi preso pelos soldados e levado ao César. Disse-lhe o César:

– Acaso também tu te tornaste um mago, a ponto de me dizerem que roubaste o corpo de Lourenço?

Hipólito respondeu:

– Fi-lo não como mago, mas como cristão!

Ouvindo isto, o César Décio ordenou que lhe batessem com a boca numa pedra e o despissem da veste com que se tinha vestido à maneira cristã, e que, estendido em cardos de ferro, fosse vergastado. Depois disto, ordenou que o levassem semimorto para fora da cidade e que lhe amarrassem os pés às patas de cavalos indómitos, e que o largassem num campo de cardos. Enquanto o levavam, rezou com voz poderosa, dizendo:

28 Ou seja “no quarto dia dos idos de Agosto”.

– Luz da claridade, estrela esplêndida e matutina, manda que eu seja recebido onde recebeste o teu diácono Lourenço!

E assim dizendo, entregou o espírito. Então os cristãos roubaram o corpo dele e depuseram-no na cripta que fica no Agro Pretoriano, no dia 13 de Agosto²⁹.

10. Ora no sétimo dia após a sua paixão, Décio ofereceu jogos de circo. Sentando-se com o prefeito Valeriano num carro para descerem e entrarem no anfiteatro, morreram os dois ao mesmo tempo. Gritava Décio na hora da sua morte:

– Ó Hipólito, como se fosse eu um cativo, assim me trazes tu amarrado!

Valeriano, por seu lado, gritava:

– Ó Lourenço, com cadeias de fogo me amarraste e me arrastas!

Isto foi conhecido em todo o mundo. E todos os crentes foram fortalecidos na sua fé, e deram graças ao Senhor, Pai e Filho e Espírito Santo, que coroou os seus santos no Céu, e que sem demora castigou os seus perseguidores³⁰.

11. Reinando o Senhor Jesus Cristo com o Pai e com o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. *Ámen.*

29 Ou seja “nos idos de Agosto”.

30 Na verdade, Décio morreu em batalha, na actual Ludogorie (Bulgária), em Junho de 251. Por seu turno, Valeriano foi prefeito entre 250-251, vindo a ser imperador entre 253-260. Morreu no cativo, às mãos dos Persas de Sapor I, depois da derrota na batalha de Edessa, em 260.





SÃO DÂMASO, EPIGRAMA 33

(ANO 380?)

*Chicotadas, carrascos, chamas, torturas, grilhões:
só a fé de Lourenço os pôde vencer.
Dâmaso, suplicante, estes altares com dons cumula,
do egrégio mártir o mérito admirando.*



Marcantonio Raimondi, *Martírio de S. Lourenço*,
1525, The Hermitage, St. Petersburg



PRUDÊNCIA, *PERISTEPHANON* 2

(FINAIS DO SÉCULO IV)



Pellegrino Tibaldi, *Martírio de S. Lourenço*, 1592,
Monasterio de San Lorenzo, El Escorial

*De templos mãe antiga,
ó Roma, a Cristo já consagrada,
com Lourenço por chefe, vencedora,
sobre o bárbaro rito triunfas.*

5 *Reis soberbos venceste,
povos com tuas rédeas subjugaste:
agora a ídolos monstruosos
impões o jugo do teu Império.*

10 *Só esta glória faltava
às insígnias da Urbe togada³¹:
subjugar a fereza dos gentios,
domar o próprio Júpiter imundo,*

15 *não com as brutas forças
de Cosso³², de Camilo³³ ou César³⁴,
mas com as de Lourenço mártir,
em batalha a que o sangue não faltou.*

20 *Empunhando armas lutou a Fé,
sem poupar o seu próprio sangue,
pois com a morte a morte arrasou,
e sacrificou-se a si para se salvar.*

A profecia de Sisto

*Que assim seria já o predissera
Sisto, o papa, na cruz pregado³⁵,
ao ver Lourenço em pranto
sob o próprio madeiro da cruz:*

25 *“Pára de pela minha partida
pranto derramar dolente!
Precedo-te, irmão: também tu
após três dias me seguirás!”*

30 *A derradeira fala do bispo,
prenunciadora da glória,
em nada falhou, pois o dia
anunciado a palma trouxe.*

31 Referência à toga, a veste formal tradicional do cidadão romano.

32 Aulo Cornélio Cosso, cônsul em 428 a.C., foi o protagonista da vitória romana sobre os Etruscos da cidade vizinha de Veios, em 426 a.C.

33 Marco Fúrio Camilo (c. 446 - 365 a.C.), chefe militar, comandou as tropas romanas na vitória definitiva sobre Veios, em 396 a.C., marco determinante na consolidação da hegemonia de Roma no Lácio. Em 390 a. C. foi nomeado ditador, tendo chefiado as tropas romanas que acabaram por derrotar os Gauleses comandados por Breno.

34 Gaio Júlio César, o célebre general e ditador morto em 44 a.C.

35 Sisto foi decapitado, não crucificado. A referência à cruz poderá ser aqui meramente tópica, aludindo genericamente ao martírio, ou então pretenderá estabelecer um paralelo Pedro/Sisto e Estêvão/Lourenço.

Lourenço,
diácono

- 35 *Com que voz, com que loas tamanhas
celebrarei o processo da sua morte?
Com que poema a sua paixão,
condignamente tecendo, cantarei?*
- 40 *Foi ele o primeiro dos sete varões
que mais perto do altar se aprumam³⁶,
diácono de grau sublime,
do que os outros mais distinto.*
- 45 *À guarda das alfaias sagradas presidia,
o tesouro da celeste morada³⁷
com chaves fiéis guardando,
as riquezas em voto doadas dispensava.*
- 50 *A fome de dinheiro agita
o prefeito da régia Cidade,
ministro de um chefe insano³⁸,
de ouro e sangue cobrador:*
- congemma com que violência dinheiro
escondido arrancará, imaginando
quantos talentos³⁹ e acervos de ouro
sob os sacrários acumulados se ocultam.*

As riquezas da Igreja

- 55 *A Lourenço que se apresente ordena.
Pela arca de opulentos lingotes
repleta pergunta, e pelos montes
ocultados de refulgente moeda.*
- 60 *“Costumais”, diz ele, “queixar-vos de que
nós mais do que é justo nos assanhámos,
quando os vossos corpos cristãos
rasmamos de forma tão sangrenta.*
- 65 *“Longe de mim um inquérito
fervendo nos mais atrozes impulsos:
branda e tranquilamente te solicito
o que me deves de tua vontade trazer.*
- 65 *“Nos vossos mistérios são estes,
dizem-me, o costume e a doutrina,
do pacto esta a disciplina: fazerem
os prelados libações em taças de ouro⁴⁰.*

-
- 36 A Igreja primitiva designava sete diáconos para estarem ao serviço dos altares. A tradição aponta Santo Estêvão como o primeiro destes levitas (Actos 6:1-8). Levita significa diácono.
- 37 Ou seja, a igreja.
- 38 Valeriano, imperador entre 253-260, com o filho Galieno.
- 39 Moeda valiosa, usada na literatura como símbolo de grandes quantidades de dinheiro.
- 40 O verbo latino utilizado (“libent”) remete para as práticas religiosas pagãs.

70 “Em copos de prata, dizem,
fumega o sangue consagrado,
e postos em castiçais de ouro
os círios alumiam ritos nocturnos.

75 “Então o maior cuidado têm os irmãos,
como diz o loquaz rumor,
em oferecer, vendidos os seus bens,
muitos milhares de sestércios⁴¹.

80 “As propriedades dos avós,
alienadas em horrendos leilões,
chora o sucessor deserddado,
faltando-lhe pais santos⁴².

“Isto em escondidos recessos
das igrejas se oculta,
e da maior piedade se considera
os doces filhos esbulhar.

41 Veja-se Actos 4:34-35.

42 O latim “sanctis egens parentibus” joga com um duplo sentido derivado da construção do verbo “egere” (“carecer de”). Ou seja, os herdeiros são empobrecidos por causa dos pais santos, sinónimo de cristãos; ou aos herdeiros faltam-lhes pais que sigam os ritos tradicionais.

- 85 “Fornece-me esses tesouros, que,
os outros persuadindo com más artes,
abarrotaos conservas –
esses que em negro antro escondes!
- 90 “Isto o requer o interesse público,
isto o fisco, isto o erário⁴³,
para que ajude o imperador o dinheiro,
entregue para soldo das tropas.
- 95 “Assim é a vossa doutrina, como ouço:
a cada um dai o que lhe pertence.
Eis que César reconhece como sua
a imagem gravada nas moedas⁴⁴!
- 100 “Dá a César o que sabes ser de César:
peço, portanto, coisa justa.
Se não me engano, em moeda
alguma está cunhado o teu Deus,

43 O fisco competia ao imperador, o erário era administrado pelo senado.

44 O texto latino apresenta um jogo de palavras intraduzível entre “nomisma” (neste contexto, “efígie”, mas também “moeda”) e “nummus” (“moeda”). Estes versos, bem como os seguintes, citam e parodiam, além disso, o célebre passo neotestamentário (Mateus 22:20-21; Marcos 12:16-17; Lucas 20:24-25).

*“nem, ao vir ao mundo, Filipes
de ouro⁴⁵ trouxe consigo,
mas preceitos deu com palavras,
ele que de carteira vazia estava.*

105 *“Cumpli vós os preceitos
que vendeis pelo mundo:
entregai de bom grado o dinheiro,
sede ricos em palavras!”*

110 *Nenhuma aspereza Lourenço
a isto responde, nenhuma fúria;
mas, como se pronto a obedecer,
docilmente anuiu.*

115 *“É opulenta”, disse, “não o nego,
e tem a nossa Igreja
grande quantidade de riquezas e de ouro,
nem há no mundo ninguém mais rico.*

120 *“Não tem tamanha quantidade
de moedas de prata o próprio
Augusto, que detém o poder,
e que está inscrito em toda a moeda.*

*“Assim, não recuso fornecer-te
a arca do nosso rico Deus:
as preciosidades que Cristo possui
todas divulgarei e apresentarei.*

125 *“Mas uma coisa reclamo implorante:
umas breves tréguas,
para com mais eficácia cumprir
a obrigação prometida,*

130 *enquanto por ordem me registam
todas as alaias de Cristo,
pois mester é primeiro calcular,
para depois a continha anotar.”*

135 *Feliz, incha de gozo
o prefeito e devora a esperança,
pelo ouro ardendo, como se
já estivesse em sua casa arrecadado.*

140 *Um período estabelecem de três dias,
e Lourenço é libertado, louvado,
fiador de si mesmo,
de ingente fortuna fiador.*

As verdadeiras riquezas da Igreja

*Por três dias a cidade percorre,
num só lugar reunindo e juntando
exércitos de enfermos
e de todos os que pedem esmola.*

145 *Um, apresentando as órbitas
de ambos os olhos vazias,
com uma bengala por guia
regia o caminhar vacilante;*

150 *e um coxo de joelho desfeito,
ou um estropiado de perna amputada,
ou um com pé mais curto que o outro,
passo desigual arrastava;*

155 *há quem dos membros ulcerados
escorra um podre corrimento;
há quem cuja mão seca
os nervos no antebraço arrepanhe.*

160 *Tais são os que em todas as praças
busca, acostumados a serem
na despesa da Madre Igreja alimentados,
e a quem ele, seu despenseiro, conhecia.*

*Depois recenseia um a um,
registrando os nomes de cada pessoa,
e em longa fila dispostos, manda
que se apresentem diante do templo.*

165 *Passara já o dia prescrito.
De espírito febril,
fremia o ganancioso juiz,
exigindo que o prometido se cumprisse.*

170 *Disse então o mártir: “Queria que
viesses e admirasses perante ti dispostas
as riquezas que o nosso opulentíssimo
Deus nos seus santos tem.*

175 *“Um átrio imenso verás
refulgir com vasos de ouro,
e pelos pórticos franqueados
fileiras amontoadas de talentos⁴⁶.”*

180 *Ele lá vai, não tem pejo em segui-lo.
Tendo à sacra porta chegado,
catervas de pobres esperavam,
tropas de rude aspecto.*

*Eleva-se o fragor dos pedintes,
horroriza-se o prefeito estupefacto,
e para Lourenço se volta,
com os olhos turvos, ameaçador.*

185 *Ele retorquiu: “Porque ranges os dentes
e me ameaças? O que é que te desagrada?
Porventura é isto sórdido ou vil?
Porventura o cuidas desprezível?”*

O verdadeiro ouro

190 “O ouro, de que ardentemente tens sede,
geram-no os despojos das terras
escavadas, e de obscuros veios
retira-o o trabalho dos condenados,

195 “ou o rio caudaloso, envolvendo-o
em turvas areias, o revolve:
terroso e sórdido,
é preciso depurá-lo nas chamas.

200 “A inocência é pelo ouro corrompida,
violada pelo ouro é a integridade,
tomba a paz, morre a lealdade,
as próprias leis se abatem.

“Porque exaltas tu, e em grande
valor tens, o veneno da vanglória?
Se mais verdadeiro ouro buscas,
é ele a Luz⁴⁷ e o género humano!

205 “São estes os filhos da Luz,
os que um débil corpo atormenta,
não vá com a saúde das entranhas
a alma inchada fazer-se arrogante.

210 “Mal a doença os membros deslassa,
o espírito enrijece mais robusto;
por outro lado, com membros mais fortes
é ferida a força dos sentidos.

215 “É que o sangue, que se abrasa em pecar,
menos forças ao homem ministra
se o seu ardor é esgotado pelos males
e produz um veneno enfraquecido.

220 “Se acaso me dessem a escolher,
antes queria que a dor mais terrível
sofressem meus membros esmagados,
mas viver belo cá por dentro.

“Considera a aparência destas pestes
e as pragas compara uma a uma:
mais horrenda é a doença da carne,
ou as úlceras da alma e do carácter?

225 “Os nossos são débeis de membros,
por dentro são belos por inteiro:
formosos, um espírito inocente
apresentam, desprovido de langor.

230 “Os vossos, robustos de corpo,
corrompe-os por dentro a lepra,
e coxeia o erro, manco,
e nada vê o cego engano.

235 “Qualquer um dos teus opulentos,
que nas vestes e no rosto brilham,
provarei ser mais fraco
que qualquer um dos meus pobres.

240 “Este, que se pavoneia em vestes de seda,
a quem, inchado, um carro transporta,
com pálido veneno a hidropisia
aquosa o rebenta por dentro⁴⁸.

“E este, avarento, arrepela
as mãos em gancho, e enrolando
a palma de unhas aduncas,
não é capaz de relaxar os tendões.

245 “Àquele, entre públicas rameiras
arrastado, a nojenta luxúria
na lama e nos esgotos o mancha,
enquanto mendiga porcas depravações.

48 Provável alusão a Vétio Agório Pretextato, prefeito da Urbe entre 367-368, que de facto morreu de hidropisia em 384, ou a Símaco, que exerceu o cargo entre 384-385. O prefeito fazia-se, com efeito, transportar num carro luxuosamente paramentado.

250 “Que mais dizer? Aquele, fervendo em ambição
e na sede de honrarias se abrasando:
não arfa ele com as febres internas,
não enlouquece ele com o fogo das veias?

255 “Todo aquele que, não podendo calar,
arde por revelar o que calado deve ser,
sofre e arranha o fígado,
e traz um prurido no coração.

260 “Que direi dos inchados tumores
dos peitos invejosos?
Que direi das purulentas e lívidas
chagas das maldades?

“E até tu, que governas Roma,
que desprezas o Deus eterno
ao cultuares a esterqueira dos demónios,
tu sofres da ‘doença dos reis’⁴⁹!

49 Ou seja, de icterícia. O *Theatrum Poeticum et Historicum* de Jean de Tixier, publicado em 1592, explica deste modo o nome da doença: “Chama-se régio porque os afectados por esta doença se curam com aparato régio [...], jogos e lascívia”. Já na medicina antiga era assim conhecida (Celso, *De Medicina* 3, 24).

265 “Estes que soberbo desprezas,
estes que julgas execrandos,
em breve se livrarão dos membros
ulcerados e ficarão curados,

270 “quando, da carne corruptíssima
por fim soltos e livres,
no mais belo estado da vida
luzirão lá no alto na casa do Pai,

275 “não esfarrapados nem fracos,
como por enquanto se vêem,
mas brilhantes em púrpuras
vestes e coroas de ouro!

280 “Então, se a oportunidade chegar,
diante dos teus olhos queria
que aqueles poderosos do mundo
fossem passados em revista.

“De trapos os verias cobertos
e de narizes ranhosos,
o queixo molhado de baba
e ramelosos de pálpebra podre.

285 “Nada é mais tétrico que o pecador,
nada é tão leproso ou fétido;
em carne está a chaga dos crimes,
e fede como o antro do Tártaro.

290 “Impõe-se, por sorte inversa,
uma forma corrupta às almas
que antes se deleitavam
com a aparência bela no corpo.

295 “Eis, pois, as moedas de ouro
que ainda agora te prometera,
que em cinzas nenhuma ruína
desfará, nem ladrão roubará⁵⁰.

300 “Ajunto agora nobres gemas,
não vás tu julgar Cristo pobre,
as gemas de lume coruscante
com que este templo se adorna⁵¹.

“Vês as virgens consagradas,
contemplas as castas velhinhas,
depois da perda da primeira união
néscias de uma segunda chama?

50 Cf. Mateus 6:20.

68 51 I Pedro 2:5.

305 “É esta a jóia da Igreja:
com estas gemas se adorna,
assim dotada a Cristo agrada,
assim enfeitada a alta cabeça⁵²!

310 “Eis os talentos, toma-os!
Adornarás a romúlea Cidade,
e enriquecerás o tesouro do príncipe,
e tu mesmo te farás mais rico!”

52 A imagem, inspirada em Apocalipse 21:2, não pode deixar de lembrar imagens femininas da época ou mesmo posteriores, como o célebre mosaico da imperatriz Teodora, com a cabeça ornada de jóias.

Os tormentos

315 “Troça de nós”, exclama fremente
o prefeito, “e, de maneira espantosa,
com tantas metáforas de nós zomba!
E continua com vida a louca cabeça!

320 “Cuidas, malvado, que impunemente
tais ardis teceste com brincadeiras
dos mimos⁵³, enquanto, feito bobo,
uma comédia representas?

“Pareceu-te de boa educação
tratar-nos com zombarias?
Acaso, vendido às risotas, fui eu
um artista de festarola?

325 “Então já têm qualquer seriedade,
não têm qualquer censura os feixes,
então acaso já a mole brandura
embotou o machado público⁵⁴?

330 “Dizes: ‘De bom grado o afrontarei,
a morte é o desejo do mártir!’
Tendes esta vaidade, já sabemos,
na vossa convicção.

53 Tipo de representação dramática muito em voga em Roma na época imperial.

70 54 Os feixes e o machado, transportados pelos liçtores, são símbolos do poder de Roma.



Hans Baldung Grien, "O martírio de São Lourenço", c. 1505-1507

335 “Mas não concederei a quem o quer
que seja prestada a veloz saída
de uma morte rápida:
não te permitirei morrer depressa.

340 “A vida te agarrarei e alongarei
com penas inesgotáveis de demora,
e uma morte inextricável
arrastará as tuas longas dores.

“Espalhai brasas mornas,
não vá um fervor demasiado aceso
tomar a boca do teimoso
e entrar-lhe nos esconsos do coração!

345 “Que morra lentamente a chama,
que, atizada por um leve sopro,
tempere aos poucos os tormentos
do corpo meio queimado.

350 “Bom é que de entre todos
caia o próprio misteriarca⁵⁵:
sozinho dará ele o exemplo
que outros depois deverão temer.

355 “Sobe à pira estendida,
deita-te no digno leito:
defende então, se te apetecer,
que o meu Vulcano é nada!”

360 Isto dizendo o prefeito, os feros
verdugos então preparam-se
para da roupa despir o mártir,
amarrar os membros e esticá-los⁵⁶.

365 A cara lhe brilhou de beleza,
e um fulgor o rodeou.
Rosto igual, voltando do monte,
apresentou o Legífero⁵⁷,
a quem o povo judeu, pelo bezerro
de ouro inquinado, lívido receou,
e a cara voltou para o outro lado,
incapaz de suportar a Deus.

370 E tal glória mostrou também
no rosto resplandecente
Estêvão, por entre a chuva de pedras
os céus abertos contemplando⁵⁸.

56 Provável alusão ao suplício do potro.

57 Literalmente, “o que traz a lei”: Moisés (cf. Êxodo 34:29-30).

58 Ações 7:55-56.

375 *Ao longe apareceu ele iluminado
aos irmãos há pouco purificados,
a quem um baptismo recente
tornara dignos de Cristo.*

380 *Mas a cegueira dos ímpios,
coberta por um negro véu⁵⁹,
não vê o rosto brilhante,
impregnado da fuligem da noite,*

*à maneira daquela praga do Egipto,
que, ao condenar os bárbaros
às trevas, aos Hebreus o dia
com luz serena mostrava⁶⁰.*

385 *E até a própria qualidade do cheiro
que a pele queimada exala
de maneira diferente uns e outros toca:
para estes é esturro, para aqueles néctar.*

390 *E o mesmo sentido, por brisa
desigual diferenciado, ora ataca
as narinas com horror vingador,
ora com suavidade as deleita.*

59 Êxodo 34:35.

74 60 Êxodo 10:23.

395 *Assim este fogo, que é Deus eterno
– pois Cristo é fogo verdadeiro –,
com o seu lume enche
os justos e queima os culpados*⁶¹.

400 *Depois de o fogo duradouro
ter assado um flanco até torrar,
daquela grelha se dirige ele
ao juiz e diz esta fala breve:*

*“Roda esta parte do corpo
bem queimada sem parar,
e repara no que o teu
Vulcano ardente me fez!”*⁶²

405 *Manda o prefeito rodá-lo.
Então diz ele: “Já está pronto!
Devora*⁶³*, e experimenta lá
se é melhor cru ou assado!”*

410 *Isto brincalhão dissera.
Depois, ergue os olhos ao Céu
e no meio de gemidos reza,
apiedado, pela urbe de Rómulo:*

61 Deuteronomio 4:24; Hebreus 12:29.

62 Vulcano é o deus romano da metalurgia.

63 A escolha do imperativo latino “deuora” por parte de Prudêncio denota bem a crueldade do carrasco, já que se trata de um verbo mais comumente aplicado a animais ferozes.

A oração derradeira

415 “Ó Cristo, nome único,
ó esplendor, ó virtude do Pai,
ó criador do mundo e do Céu,
e destas muralhas fundador⁶⁴,

420 “Tu, que o ceptro de Roma à cabeça
do mundo puseste, decretando
que toda a terra a toga quirinal⁶⁵
servisse e às suas armas cedesse,

425 “para de povos tão diferentes
os costumes e a observância
e as línguas e o engenho e os cultos
com leis únicas submeteres!

425 “Eis que ao Reino de Remo
toda o mortal género se rendeu:
o mesmo dizem os ritos
dissonantes, o mesmo sentem.

430 “Foi isto destinado para que
a lei do nome de Cristo
com um só vínculo ligasse
o que quer que na terra exista.

64 Cristianização da tradição que atribuía a Saturno a edificação das muralhas do que veio a ser a cidade de Roma.

76 65 Relativo a Quirino, nome por que ficou conhecido Rômulo depois da sua apoteose.

435 “Concede, Cristo, aos teus Romanos
que esta cidade seja cristã;
por ela concedeste que às restantes
uma só ideia dos cultos houvesse!

440 “Que se juntem todos os membros,
vindos de todos os lados, no Símbolo⁶⁶:
amansa-se o mundo submetido,
que se amanse a sua cabeça suprema!

“Veja ela que regiões tão afastadas
se ajuntam em uma só graça:
que Rómulo se torne dotado de fé,
seja já o próprio Numa um crente⁶⁷!

66 Ou seja o Credo, estabelecido no Concílio de Constantinopla em 381 d.C. Este ponto da oração de São Lourenço tem de ser lido à luz do que se vivia nas últimas décadas do século IV, quando Teodósio procurava acabar com as divisões que dilaceravam o Cristianismo, de que a mais relevante era a chamada heresia ariana, que negava a consubstancialidade de Cristo com o Pai.

67 Rómulo e Numa, os lendários dois primeiros reis de Roma, símbolo do poderio militar romano o primeiro, da piedade religiosa o segundo.

- 445 “O troiano error confunde
ainda a Cúria⁶⁸ dos Catões,
venerando em lares escondidos
os desterrados Penates dos Frígios⁶⁹.
- 450 “Jano bifronte⁷⁰ e Estercúlio⁷¹
o Senado adora– tenho horror de falar
no ror de monstros dos nossos avós –
e o festival do velho Saturno!
- 455 “Dissolve, Cristo, esta vergonha,
envia para aqui o teu Gabriel,
para que a errante cegueira de Julio⁷²
reconheça o verdadeiro Deus!

68 Ou seja, o Senado. Não pode deixar de se ler aqui uma alusão à polémica da estátua da Vitória, que o pagão Símaco (c. 340-402) quis, em vão, ver reposta na Cúria em 393. A estátua tinha sido removida em 382 por ordem do imperador Graciano.

69 Eneias trouxera de Tróia para o Lácio a religião dos seus antepassados. É motivo omnipresente na cultura romana, sobretudo a partir de Augusto.

70 Jano, o deus das duas faces, cujo nome está etimologicamente relacionado com “ianua” (“porta”).

71 Divindade ligada à fertilização dos campos. Segundo outras tradições, é também um dos epítetos de Saturno.

72 Julio, ou Ascânio, o filho do troiano Eneias, antepassado lendário da família dos Júlios, a que pertencia Júlio César, aqui designa os imperadores romanos.

460 “E detemos já fidelíssimas
garantias desta esperança,
pois aqui já reinam os dois
príncipes dos Apóstolos

“Um foi o pregador das gentes;
o outro, a primeira cadeira tendo⁷³,
abre as portas da Eternidade,
que lhe foram confiadas⁷⁴.

465 “Afasta-te, Júpiter adúltero,
manchado pelo estupro da irmã⁷⁵,
deixa Roma tornada livre,
e da gente de Cristo foge já!

470 “Daqui te desterra Paulo,
daqui o sangue de Pedro te expulsa:
veta-te o acesso a obra de Nero⁷⁶,
essa mesma que tu próprio armaste!

73 Ou seja, São Paulo (cf. 2 Timóteo 1:11) e São Pedro, ambos martirizados em Roma.

74 Mateus 16:18-19.

75 Júpiter era irmão e marido de Juno.

76 Ou seja, a perseguição de Nero após o Grande Incêndio de Roma, em 64 d.C., na sequência da qual, por volta do ano 67, Pedro e Paulo foram martirizados.

475 “Vejo chegar um dia um príncipe,
que, já servo de Deus, nesse tempo
não permitirá a Roma submeter-se
às negras esterqueiras da idolatria,

480 “que os templos com trancas fechará,
as ebúrneas portadas tapará,
os nefastos umbrais condenará,
impondo-lhes brônzeos ferrolhos⁷⁷.

“Então, de todo o sangue purgados,
por fim refulgirão os mármore,
e de pé estarão os bronzes inocentes,
que hoje são tidos como ídolos.”

80 77 Referência à legislação de Teodósio (379-395): o decreto 16.10.10 do *Codex Theodosianus*, datado de 24 de Fevereiro de 391, que estabelece punições severas a quem persistisse nas práticas pagãs.

A morte e a vitória final

485 *Foi este o final da oração,
e o fim também da prisão carnal:
de bom grado o seu espírito
se lançou, correndo atrás da voz.*

490 *Levaram o seu corpo, de pescoços
vergados, uns certos senadores,
a quem a espantosa liberdade do varão
persuadira a juntarem-se a Cristo.*

495 *Súbita disposição insuflara
as suas entranhas e forçara-os,
por amor a Deus sublime,
a odiar as velhas frivolidades.*

500 *Esfriou a partir daquele dia
o culto dos torpes deuses.
O povo, mais raro nos templos,
acorre ao púlpito de Cristo.*

*Deste modo lutando, Lourenço
não cingiu o flanco com espada;
mas, rechaçando para trás o ferro
hostil, arrojou-o ao que o lançara.*

505 O demónio, quando ao combate
 incitava o invicto mártir de Deus,
 caiu ele mesmo varado.
 E prostrado jaz para sempre.

510 Aquela morte do santo mártir
 dos templos foi verdadeira morte:
 sentiu então Vesta os Paládios lares⁷⁸
 serem impunemente abandonados.

515 Qualquer dos Quirites⁷⁹ habituado
 a orar ao simpúvio⁸⁰ de Numa,
 ao frequentar os átrios de Cristo
 faz ressoar com hinos o mártir.

520 Também os luminares do Senado,
 outrora Lupercos⁸¹ e Flâmines⁸²,
 beijam agora os umbrais
 dos apóstolos e mártires.

78 O “Palladium” era uma imagem de Atena, originalmente guardada em Tróia, que se acreditava ter caído do céu, e de que dependia a segurança da cidade. O troiano Eneias trouxe-a juntamente com os Penates para a Itália. Séculos depois, acabou por ser levada para Roma e guardada no templo de Vesta (Ovídio, *Faistos* 6, 419 e seguintes), onde se sabe que ainda estava no ano 191 d.C.

79 Os cidadãos de Roma.

82 80 Copo sacrificial.

*Observamos casas ilustres,
nobres de ambos os sexos,
oferecer em votos os penhores
dos ilustríssimos filhos*⁸³.

525 *O pontífice, outrora de fitas ornado,
é acolhido no sinal da Cruz*⁸⁴,
*e na tua casa, Lourenço,
entra a vestal Cláudia*⁸⁵.

530 *Ó três e quatro e sete vezes
feliz o habitante da Cidade,
que a ti e ao lugar dos teus ossos
de perto vem celebrar,*

-
- 81 Os Lupercos eram um colégio sacerdotal que celebrava os “Lupercalia” (13-15 de Fevereiro), o mais antigo festival religioso romano, já que a tradição situava a sua origem no tempo de Rómulo. Sobreviveu à própria queda de Roma, tendo sido banido apenas no século V d.C., durante o pontificado do papa Gelásio I (492-496).
- 82 Os flâmines pertenciam à mais antiga e importante casta sacerdotal romana, a dos Pontífices. Eram em número de 15, dos quais os mais importantes eram o de Júpiter, Marte e de Quirino.
- 83 Alusão ao baptismo de menores.
- 84 Provável alusão ao baptismo, que inclui o sinal da cruz na testa do converso, delineada com os óleos sagrados.
- 85 Ao culto de Vesta, anterior à própria fundação de Roma, pertencia o único sacerdócio feminino, o das Vestais. A *gens Claudia*, era das mais ilustres e poderosas em Roma. Talvez se deva entender a intenção de designar, de forma metafórica, a conversão das antigas famílias patrícias ao Cristianismo.

535 *a quem ao pé é permitido prostrar-se,
que este local asperge de lágrimas,
que o peito na terra aberta,
que em sussurro derrama os votos!*

540 *A nós o basco Ebro nos separa⁸⁶,
afastados pelos dois Alpes:
para lá dos cumes Cotianos⁸⁷,
para lá dos Pirenéus nivosos.*

*A custo nos chega a fama de quão
cheia está Roma de santos ocultos,
de quanto o rico chão da Cidade
em sacros sepulcros floresce!*

545 *Mas nós, que destes bens carecemos,
e as pegadas de sangue
não podemos ver de perto,
de longe contemplamos o céu.*

86 As cidades de Tarragona, Saragoça e Calahorra reclamam ainda hoje o título de pátria de Prudêncio. Contudo, destas apenas a antiga Calahorra e Saragoça se situam na margem direita do Ebro. Por outro lado, apenas Calahorra se situa efectivamente no território dos antigos Vascões.

87 Os Alpes Cotianos, cadeia montanhosa na região Sudoeste dos Alpes, na actual fronteira entre a França e a região italiana do Piemonte. Por Alpes, o poeta designa altas montanhas, cobrindo assim os Alpes e os Pirenéus.

550 *Assim, ó São Lourenço,
procuramos nós a tua paixão,
pois é teu um duplo palácio:
o do corpo aqui, no céu o da alma.*

555 *Ali, da inefável Cidade
cidadão escolhido⁸⁸,
no cimo da Cúria eterna⁸⁹
ostentas a coroa cívica⁹⁰.*

560 *Parece-me ver, de brilhantes
gemas resplandecente, o varão
a quem a Roma Celeste para si
elegeu cônsul perpétuo⁹¹.*

*Que poder te foi confiado,
quão grande cargo te foi dado,
provam-no os júbilos dos Quirites⁹²,
a quem, quando te rezam, favoreces.*

88 A forma “adlectus”, que traduzimos por “escolhido”, é a usada em latim para designar a elevação pelo Imperador de um cidadão a uma classe superior (cavaleiro, senador).

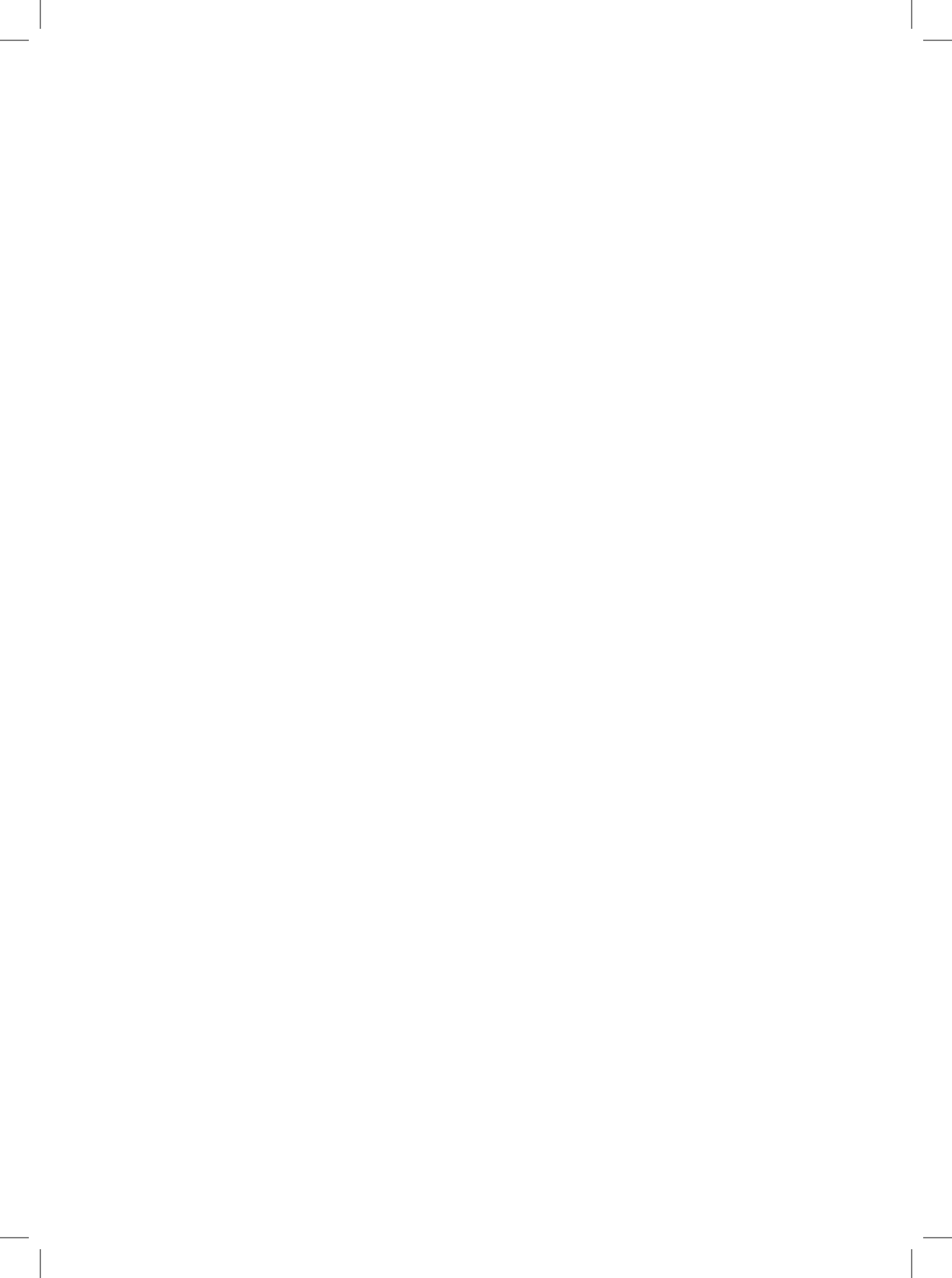
89 A Cúria era o edifício onde se reunia o Senado romano.

90 A “corona ciuica”, uma coroa de folhas de carvalho, era uma distinção militar reservada a um cidadão que tivesse salvado a vida de outros cidadãos no campo de batalha.

91 Durante a República (509 - 27 a.C) os dois cônsules eleitos anualmente eram os mais altos magistrados.

92 Ou seja, os Romanos.

- 565 O que cada um reclama suplicante,
benevolamente concedido o obtém:
rogam, gracejam, proclamam,
e triste ninguém parte,
- 570 como se estivesses sempre disponível,
e aos teus pupilos romanos,
abraçados ao teu colo lactante,
com paterno amor alimentasses.
- 575 Entre eles, ó glória de Cristo,
ouve este rústico poeta,
confessando as culpas do coração
e reconhecendo as suas acções.
- 580 Indigno é, reconheço e sei,
que o próprio Cristo o ouça,
mas por intermédio dos mártires,
patronos, pode a cura alcançar.
- Ouve benigno o suplicante
Prudêncio, réu diante de Cristo,
e ainda que escravo do seu corpo,
liberta-o dos grilhões deste mundo!





SANTO AMBRÓSIO

HINO 13

(2^a METADE DO SÉCULO IV)



"O martírio de São Lourenço", gravura feita a partir de Giuseppe Porta, dito Salviati, 1550-1600, British Museum.

*Dos Apóstolos quase igual,
Lourenço arcediago
com coroa igual à dos mártires
a fé de Roma consagrou.*

*5 Seguindo ele Sisto o mártir,
do profeta os oráculos recolheu:
– Deixa, filho, de te afligir:
passados três dias me seguirás.*

*10 Sem que o medo da tortura o aterrorasse,
o futuro herdeiro do sangue
com piedosa mirada contemplou
o que ele próprio em breve sofreria.*

*15 Já então na pessoa de um mártir⁹³
celebrou ele o triunfo de mártir,
justo sucessor, do sangue
e da voz detendo o contrato.*

93 Ou seja, Sisto.

- 20 *Ora, três dias depois, mandado
os sagrados tesouros apresentar,
piamente promete e não recusa,
à vitória acrescentando o dolo.*
- Ó espectáculo mais belo!
De indigentes reúne tropas;
e os pobres mostrando proclama:
- são estas as riquezas da Igreja!*
- 25 *Dos pios as duradouras riquezas
são sempre sem dúvida os pobres!
Enganado, freme o ganancioso
e chamas vingadoras prepara.*
- 30 *Foge o verdugo queimado,
e às suas chamas cede:
- Virai-me, grita o mártir,
devorai, se assado está!, ordena.*



SANTO AMBRÓSIO

DOS DEVERES DOS CLÉRIGOS

(c. 386-391)

1, 41, 205-207

Não esqueçamos também São Lourenço, que ao ver o seu bispo Sisto ser levado para o martírio começou a chorar não a paixão dele, mas a sua própria sobrevivência. E assim começou a gritar com estas palavras:

– Para onde vais sem o filho, pai? Para onde, santo sacerdote, avanças sem o teu diácono? Nunca costumavas oferecer o sacrifício sem ministro. O que em mim te desagradou então, pai? Porventura me achaste indigno? Considera se acaso terias escolhido outro mais idóneo: àquele a quem confiaste a consagração do sangue do Senhor, a quem confiaste participar na celebração dos sacramentos, a esse lhe negas participar no teu sangue? Tem cuidado, não vá o teu juízo falhar, enquanto se louva a fortaleza. A rejeição do discípulo é prejuízo para o magistério do professor. Não é verdade que homens ilustres e egrégios vencem nos combates dos seus discípulos mais do que nos seus? Abraão ofereceu o filho⁹⁴, Pedro enviou Estêvão à sua frente⁹⁵: também tu, pai, mostra no filho a tua virtude, oferece aquele que instruíste, para que seguro do teu juízo atinjas com nobre companhia a coroa do martírio.

94 Alusão à ordem de Deus a Abraão no sentido de sacrificar o filho, Isaac (Génesis 22:1-14).

95 Santo Estêvão, martirizado c. 34 d.C. (Actos 6-7). Ver nota 22.

Então Sisto disse:

– Eu não te deixo, filho, nem te abandono, mas maiores combates te são devidos. A nós, sendo velhos, cabe-nos a corrida numa competição mais leve; para ti, que és jovem, fica o triunfo mais glorioso sobre o tirano. Em breve virás! Pára de chorar, após três dias seguir-me-ás: entre sacerdote e diácono convém que medeie este número. Não era digno de ti vencer perante o teu mestre, como se pedisses ajuda. Porque exiges tu participar da minha paixão? Deixo-te a ti toda esta herança. Porque requeres a minha presença? Que os discípulos fracos precedam o mestre, sigam-no os fortes, para sem mestre vencerem os que de magistério já não carecem. Assim também Elias deixou Eliseu⁹⁶. A ti, pois, confio a sucessão da nossa virtude.

Tal era a discussão, digna sem dúvida de ser por um sacerdote e um ministro debatida, sobre quem deveria primeiro sofrer martírio em nome de Cristo. Dizem que nas peças trágicas se levantaram grandes aplausos no teatro, quando Pílates dizia que era Orestes, e Orestes assegurava que era Orestes, como, de facto, era: aquele para ser morto no lugar de Orestes; Orestes por não tolerar que Pílates sofresse por ele. Mas não lhes era lícito viver, pois ambos eram réus de parricídio: um porque o tinha cometido, o outro porque o tinha ajudado⁹⁷. Aqui nada impelia

96 Eliseu era discípulo do profeta Elias (1 Reis 19:16-19), tendo sucedido ao mestre, depois de este ter sido arrebatado ao Céu (2 Reis 2:11-12).

São Lourenço a isto, a não ser o amor da devoção. No entanto, também ele três dias depois, ao ser queimado, posto na grelha pelo tirano a quem enganara, disse: “Está assado, vira e come!”. Assim, pela virtude do espírito vencia a natureza do fogo.



Palma Giovane, *S. Lourenço distribuindo os bens da igreja pelos pobres*,
1581-82 San Giacomo dall'Orio, Venice

- 97 Orestes era filho de Agamémnon, rei de Micenas, e Clitemnestra. Depois de a mãe ter assassinado o pai, Orestes é instado pela irmã, Eleetra, a regressar a casa. Na companhia do seu inseparável amigo Pílades, Orestes regressa a Micenas, e mata a mãe, de modo a vingar o assassinio do pai. Segundo a versão em tragédia *Ifigénia na Táurica* de Eurípides, os dois amigos refugiam-se na Táurica, onde são presos pelos habitantes locais, que determinam que ambos sejam sacrificados. Ifigénia, irmã de Orestes, encarregada do sacrifício, oferece a libertação a quem lhe levar uma carta para Micenas. É neste ponto que se dá a disputa aqui relatada por Ambrósio.

2, 28, 136–143

É este o maior incentivo da misericórdia: partilharmos as desgraças alheias, socorrermos as necessidades dos outros tanto quanto pudermos, e às vezes mesmo mais do que pudermos. É melhor, com efeito, em nome da misericórdia sofrer acusações ou ser vítima de ódio, do que mostrar inclemência. Assim nós, em certa ocasião, fomos vítimas de ódio, pois destruámos uns vasos sagrados para resgatarmos uns cativos, o que podia desagradar aos arianos⁹⁸. Não era tanto que lhes desagradasse o acto, mas mais o facto de ser algo de que nos podiam censurar. Quem, na verdade, é tão duro, tão cruel, tão insensível, que lhe desagrade que um homem seja resgatado à morte, uma mulher às conspurcações dos bárbaros (que são piores do que a morte!), raparigas ou rapazes ou crianças às contaminações dos ídolos, pelos quais, com medo da morte, eram manchados? Embora tenhamos assim agido não sem alguma razão, ainda assim nos apresentámos perante o povo de modo a declararmos e assegurarmos que muito mais apropriado fora salvarmos almas para o Senhor do que conservarmos ouro. Na verdade, Aquele que enviou os apóstolos sem ouro⁹⁹, sem

98 Ambrósio refere-se aos seguidores do Arianismo, seita que retira o nome do bispo Ario (c. 250–c. 336), seu principal pregador. O arianismo nasceu de uma reflexão teológica sobre a relação entre as três pessoas – Pai, Filho e Espírito Santo – no seio da Trindade. Em Alexandria, no ano de 320, Ario deu origem a uma crise doutrinal que se prolongou por cerca de 60 anos, ao proclamar que o Verbo (o Filho), sendo gerado, não pode ser plenamente igual ao Pai em essência, mas apenas semelhante ao Pai. No Concílio de Niceia, em 325, foi condenada a doutrina de Ario e apresentada uma primeira formulação do credo Trinitário católico que recebeu a sua formulação definitiva em 381 no Concílio de Constantinopla.

ouro congregou as Igrejas. A Igreja tem ouro não para o guardar, mas para o distribuir, para prover às necessidades. Para que serve guardar o que para nada serve? Acaso ignoramos quanto ouro e quanta prata tiraram os Assírios do templo do Senhor¹⁰⁰? Não é melhor que os sacerdotes os derretam para o sustento dos pobres, se lhes faltam outros recursos, do que os levem contaminados o inimigo sacrílego? Não há-de o Senhor dizer “Porque toleraste que tantos pobres morressem de fome? E a verdade é que tinhas ouro para lhes dares sustento. Porque foram tantos cativos postos à venda, e mortos pelo inimigo os que não foram resgatados? Melhor fora que salvasses os vasos de vivos do que os de metal!” A isto não se poderia dar resposta. Que dirias, pois? “Tive medo de que ao templo de Deus faltasse o adorno”? Responder-te-ia: “Os sacramentos não requerem ouro, nem com ouro agrada o que não foi com ouro comprado.” O adorno dos sacramentos é a redenção dos cativos. São vasos verdadeiramente preciosos, os que redimem vidas da morte. É verdadeiro tesouro do Senhor aquele que realiza o que o sangue d’Ele realizou. Então se reconhece o vaso do sangue do Senhor, quando em ambos se vir a redenção: que o cálice resgate ao inimigo aqueles que o Sangue resgatou ao pecado. Quão belo é que se diga, quando exércitos de cativos são resgatados pela Igreja: a estes resgatou-os Cristo! Eis o ouro que se pode pôr à prova, eis o ouro útil, eis o ouro de Cristo que liberta da morte, eis o ouro com que se resgata o pudor, com que se salva a castidade! Antes quis, portanto, entregar-vo-los livres do que guardar o ouro. Esta turba de cativos,

esta multidão é mais distinta do que a beleza dos cálices. Este dever deve cumprir o ouro do Redentor: resgatar os que estão em perigo. Reconheço que o sangue derramado de Cristo brilhou não só no ouro, mas também imprimiu, pelo ofício da Redenção, a virtude da divina operação.

Tal ouro reservou o santo mártir Lourenço ao Senhor. Como lhe tivessem pedido os tesouros da Igreja, prometeu que os mostraria. No dia seguinte, trouxe consigo os pobres. Tendo-lhe sido perguntado onde estavam os tesouros que prometera, apresentou os pobres, dizendo: “São estes os tesouros da Igreja.” E verdadeiramente são tesouros aqueles nos quais está Cristo, nos quais está a Fé. Disse, de facto, o Apóstolo: “Temos um tesouro em vasos de barro.”¹⁰¹ Que tesouros melhores tem Cristo, do que aqueles em que disse estar? Assim está escrito: “Tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era peregrino, e acolhestes-Me”¹⁰²... O que fizerdes a um deles, a Mim mo fizestes.”¹⁰³ Que melhores tesouros tem Cristo do que aqueles nos quais gosta de ser visto? Estes tesouros mostrou Lourenço, e venceu, pois não os podia tirar o perseguidor. E assim Joaquim¹⁰⁴,

101 2 Coríntios 4:7.

102 Mateus 25:35.

103 Mateus 25:40.

104 A generalidade das edições, entre elas a que serviu de base à nossa tradução, lê “Ioachim”, o que é certamente um erro introduzido ao longo da cadeia de transmissão do texto, já que o exemplo narrado se aplica não a Joaquim mas ao seu filho Joaichin, como bem sabia o bispo de Milão.

que guardava o ouro durante o cerco, e não o dispensava para sustento. E viu ser-lhe o ouro roubado e ser levado para o cativoiro¹⁰⁵. Lourenço, que antes quis distribuir pelos pobres do que guardar para o perseguidor, recebeu a sagrada coroa do martírio, graças ao singular vigor da sua interpretação. Acaso foi dito a São Lourenço “não devias ter distribuído os tesouros da Igreja e vendido os vasos dos sacramentos”? É preciso que alguém de fé sincera e de providência perspicaz cumpra esta função. Se alguém desviar recursos para seu proveito, isso é sem dúvida crime. Mas se pelo contrário o distribuir pelos pobres, se resgata um cativo, então é misericórdia.



SANTO AGOSTINHO

Dois sermões para o dia de São Lourenço

SERMÃO 302 (EXCERTO)

(10 DE AGOSTO DE C. 400 D. C.)

[...]

[8] São Lourenço foi arcediogo. As riquezas da Igreja eram-lhe exigidas pelo perseguidor, segundo a tradição. Por isto sofreu tantos tormentos que são horríveis de ouvir. Posto sobre uma grelha, foi queimado por todo o corpo, foi atormentado pelas atrocíssimas dores das chamas. Todavia, venceu com a imensa força do seu amor todas as moléstias do corpo, com a ajuda d'Aquele que tal o fizera – “somos na verdade obra d'Ele, criados em Cristo Jesus por meio das boas obras que Deus preparou, para nelas andarmos.”¹⁰⁶ Ora foi isto o que ele fez para incendiar a ira do perseguidor, não porque quisesse enfurecê-lo, mas porque desejava confiar a sua fé aos vindouros, e mostrar quão tranquilo morria: “Venham comigo carroças”, disse ele, “para nelas transportar as riquezas da Igreja.” Foram enviadas as carroças, carregou-as de pobres e ordenou que regressassem, dizendo: “São estas as riquezas da Igreja.” E é verdade, irmãos: as grandes riquezas dos cristãos são as necessidades dos carenciados, se percebermos onde devemos depositar o que temos. Diante de nós estão os carenciados. Se neles depositarmos, não perderemos. Não temos medo de que alguém roube: na verdade, guarda-o Aquele que no-lo deu, e não podemos achar melhor guarda nem mais fiel promissor.

[9] Pondo assim nisto o nosso pensamento, imitemos os mártires sem hesitar, se queremos que nos sejam proveitosas as festas que celebramos. Sempre vos aconselhámos isto, irmãos, nunca deixámos de o fazer, nunca nos calámos. Devemos amar a vida eterna, a presente deve ser desprezada. Devemos viver bem, devemos esperar o bem. Deve ser emendado aquele que é mau; depois de emendado, deve ser instruído; depois de instruído, deve perseverar: “na verdade quem perseverar até ao fim, será salvo.”¹⁰⁷

[...]

SERMÃO 303

(10 DE AGOSTO DE C. 425–430 D.C.)

[1] É célebre o martírio do bem-aventurado Lourenço – mas em Roma, não aqui, que tamanha vejo a vossa ausência! Tal como se não pode Roma esconder, tampouco esconder se pode a coroa de Lourenço. Mas por que razão escapa ela, até agora, a esta cidade, não o consigo entender. Ouvi, pois, vós poucos algumas poucas coisas, que nós, pela fadiga do corpo e pela canícula, muitas coisas não conseguimos.

Era diácono, tendo nisso seguido os Apóstolos (viveu na época seguinte à dos Apóstolos). Como, pois, a perseguição que ainda agora ouvistes anunciada no Evangelho¹⁰⁸ ardesse violentamente em Roma, tal como por toda a parte, e como ao arcediogo tivessem sido exigidos os bens da Igreja, diz-se que ele respondeu:

– Mandem-me carroças, para neles levar as riquezas da Igreja.

Abriu a ganância as goelas, mas a sabedoria sabia o que fazer. Logo foi isso ordenado, e quantas carroças pediu, tantas foram as que vieram. Ora ele pediu muitas, e quantas mais eram as carroças, maior era a esperança do saque imaginado no coração. Encheu as carroças de pobres, e regressou com eles. Então disseram-lhe:

– O que é isto?

Respondeu:

– São estas as riquezas da Igreja!

O perseguidor, ludibriado, pediu chamas. Mas não estava ele gelado a ponto de temer as chamas: quase ardia de fúria, mas mais ainda de amor a alma. Mais palavras para quê? Foi trazida uma grelha, e foi assado. E como tivesse de um dos lados ardido, diz-se que tolerou com tamanha tranquilidade aqueles tormentos,

que se cumpria nele aquilo que ainda há pouco ouvimos no Evangelho: “Com a vossa capacidade de resistência possuireis as vossas almas”¹⁰⁹. E por fim, queimado pela chama, mas pela capacidade de resistência tranquilo, disse:

– Já está assado. Quanto ao resto, virai-me, e comei!

Assim levou o martírio, por aquela glória foi coroado. Os seus benefícios são em Roma tão manifestos que de maneira nenhuma se podem enumerar. É ele aquele de quem Cristo disse: “Quem por minha causa tiver perdido a sua alma, salvá-la-á”¹¹⁰. Pela fé a salvou, pelo desprezo do mundo a salvou, pelo martírio a salvou. Quanta é a sua glória junto de Deus, quando tanto é o seu louvor junto dos homens?

[2] Sigamos com fé as suas pegadas, sigamo-las também com o desprezo pelo mundo. Não só aos mártires são prometidas as recompensas celestiais, mas também aos que seguem Cristo com fé íntegra e caridade perfeita. É, na verdade, honrado entre os mártires, garantindo-o a própria Verdade, e dizendo: “Não há quem abandone a sua casa, ou o seu campo, ou os seus pais, ou os seus irmãos, ou a sua mulher, ou os seus filhos, e não receba sete vezes tanto neste tempo – e no século futuro terá a vida eterna.”¹¹¹ O que há de mais glorioso para o homem do que

109 Lucas 21:19.

110 Lucas 9:24.

104 111 Redacção ligeiramente diferente de Mateus 19:29.

vender as suas coisas e comprar Cristo, do que oferecer a Deus uma estimadíssima prenda, a virtude incorrupta da alma, o louvor intacto da devoção, do que acompanhar Cristo quando vier receber o castigo dos seus inimigos, do que estar ao lado d'Ele quando se sentar para julgar, do que tornar-se co-herdeiro de Cristo, do que igualar-se aos Anjos, do que rejubilar com os Patriarcas, com os Apóstolos, com os Profetas na posse do Reino dos Céus? Que perseguição pode estes pensamentos vencer, que tormentos os podem derrotar? Dura, forte e estável está a alma fundada em religiosas meditações, e contra todos os terrores do diabo e as ameaças do mundo persiste inamovível o espírito a quem uma fé segura e sólida corrobora. Fecham-se os olhos nas perseguições, mas está aberto o Céu; ameaça o Anticristo, mas Cristo protege; traz-se a morte, mas segue-se a imortalidade; arrebatava-se ao morto o mundo, mas ao restituído à vida exhibe-se o Paraíso; extingue-se a vida temporal, mas restabelece-se a eterna. Quão grande é a dignidade, e quão grande a segurança de sair daqui feliz, de sair glorioso de entre os apertos e as angústias, de fechar um momento os olhos com que se viam os homens e o mundo, e abri-los para logo ver a Deus, ainda venturosamente migrando! Quão grande rapidez! É-se de repente tirado da terra, para se ser reposto no reino dos Céus! É preciso guardar isto na mente e no pensamento, nisto dia e noite meditar. Se a perseguição der com tal soldado de Deus, não poderá ser vencida a virtude, pronta para o combate. Ou se antes chegar o chamamento da fé que antes estava preparada para o martírio, sem perda de tempo será paga a mercê, tendo Deus por juiz. Na perseguição é coroada a combatividade, na paz a constância.



SÃO LEÃO MAGNO

SERMÃO 85

(c. 446–461 d.C.)

[1] Visto que de todas as virtudes, caríssimos, o ponto mais alto e a plenitude de toda a justiça nascem do amor com que Deus e o próximo são amados, a verdade é que em ninguém este amor mais sublimemente se eleva e mais claramente refulge do que nos bem-aventurados mártires, os quais tão próximos estão de nosso Senhor Jesus Cristo, morto por todos os homens, na imitação do Seu amor quanto na semelhança da Sua paixão. Na verdade, embora bondade nenhuma de homem nenhum se possa igualar àquele amor pelo qual o Senhor nos redimiu (pois uma coisa é morrer por um justo um homem destinado a morrer; outra coisa é tombar pelos ímpios quem não participa da dívida da morte), ainda assim muito concederam os mártires a todos os homens. Da sua força o Senhor, seu proporcionador, fez uso para mostrar que não queria que a pena da morte e a atrocidade da cruz fosse terrível a nenhum dos seus, mas por muitos fosse imitada. Ora, se nenhum homem bom é bom apenas para si, nem a sabedoria de um qualquer sábio apenas dele próprio é amiga, e se a natureza das verdadeiras virtudes é tal que muitos resgata do erro tenebroso, que com a luz delas se faz claro – para instruir o povo de Deus nenhum modelo é mais útil do que o dos mártires. Pode ser fácil a eloquência para discursar, pode ser eficaz a razão para convencer – mais fortes são, todavia, os exemplos do que as palavras, e mais é ensinar com os actos do que com a voz.

[2] Com quão gloriosa dignidade se evidenciou neste excelentíssimo género de doutrina o bem-aventurado mártir Lourenço, por cuja paixão é ilustre o dia de hoje, até os seus perseguidores o puderam sentir, quando aquela admirável força de espírito, concebida sobretudo do amor de Cristo, não só não cedeu ela mesma, mas ainda fortaleceu os outros com o exemplo da sua resistência. Na verdade, como se assanhasse o furor das autoridades gentias sobre os mais distintos membros de Cristo, e atacasse sobretudo aqueles que pertenciam à classe sacerdotal, contra o diácono Lourenço, que se destacava não só no ministério dos sacramentos mas também na administração da propriedade Igreja, ferveu o ímpio perseguidor, a si mesmo prometendo um duplo saque vindo de um só homem, a quem, se o fizesse entregar¹¹² as riquezas sacras, faria também expulsar da vera religião¹¹³.

112 Leão Magno joga aqui com o duplo sentido do latim “traditor”: “aquele que entrega”, mas também “traidor”.

113 Para um entendimento mais completo deste passo importa ter em mente as polémicas surgidas no seio da Igreja durante as perseguições, nomeadamente a de Décio (250-251), entre aqueles que haviam resistido, pagando muitas vezes com a própria vida, e aqueles que haviam colaborado com as autoridades, designados “lapsi” (literalmente “caídos”). Acabaram por ser readmitidos na Igreja, numa acção em que teve papel relevante São Cipriano, no norte de África, e que levou a uma reacção cismática por parte dos Novacianos. Durante a perseguição de Diocleciano, lançada em 303, o problema voltou a colocar-se, agora também em relação àqueles que entregaram aos perseguidores os documentos eclesiásticos e as próprias Escrituras. Foram então designados “traidores”, vocábulo que em latim designa “aquele que entrega” e, por extensão, “traidor”.

Arma-se assim com duplo flagelo aquele homem, cúvido de riquezas e inimigo da verdade: com a ganância, para arrebatar o ouro; com a impiedade, para roubar Cristo. Exige ao imaculado responsável do sacrário que lhe traga as riquezas da Igreja, as quais avidíssimo cobiçava. Mostrando-lhe o castíssimo diácono onde as tinha guardadas, apresentou-lhe numerosíssimos rebanhos de santos pobres, para cuja alimentação e vestuário guardara provisões que se não podiam perder, as quais tanto mais integralmente salvas estavam, quanto mais santamente se provava terem sido gastas¹¹⁴.

[3] Freme, pois, o frustrado saqueador. E ardendo em ódio para com a religião que tal uso das riquezas havia instituído, visto que com ele nenhuns denários tinha achado, determina pilhar um mais valioso tesouro, para roubar aquele depósito com que de maneira mais sagrada era rico. Ordena a Lourenço que renuncie a Cristo, e prepara-se para com terríveis tormentos derrubar aquela solidíssima fortaleza do ânimo do diácono. Quando os primeiros nada obtêm, outros mais violentos se sucedem. Dilacerados os membros e retalhados com muitas chicotadas cortantes, ordena que sejam queimados pelo fogo, de sorte que por meio de uma grelha de ferro, a qual em si mesma já tinha o poder de queimar, rodando alternadamente os membros, se tornasse mais violento o tormento e mais prolongada a pena.

114 O papa refere-se à tradição segundo a qual São Lourenço aproveitara a trégua de dois dias para gastar todo o tesouro da Igreja em comida e roupas para os pobres.

[4] Nada obténs, nada consegues, fera crueldade! Escapa às tuas invenções a matéria que é mortal, e és tu que perdes Lourenço, que parte para os Céus! Pelas tuas chamas não pôde a chama do amor de Cristo ser vencida, e mais lento foi o fogo que queimou por fora do que aquele que por dentro se acendeu! Serviste o mártir, perseguidor, quando te assanhaste! Acrescentaste a palma, enquanto a pena aumentavas! Na verdade, em que é que não reverteu o teu engenho em glória do mártir, quando até os instrumentos de suplício passaram para a honra do triunfo? Rejubilemos pois, caríssimos, com espiritual alegria, e gloriemo-nos do felicíssimo fim deste ínclito varão no Senhor, que é “maravilhoso pelos seus santos”¹¹⁵, nos quais para nós constituiu refúgio e exemplo. E assim por todo o mundo fez brilhar a sua glória, do Nascente ao Poente, de modo a que, refulgindo o fulgor da luz dos diáconos, tanto quanto Jerusalém por Estêvão foi iluminada, assim Roma por Lourenço ilustre se tornasse. Com a sua oração e patrocínio confiamos ser em todas as ocasiões assistidos, para, uma vez que, como disse o Apóstolo, “todos os que querem viver piamente em Cristo sofrerão perseguição”¹¹⁶, nos fortalecermos com o Espírito do Amor, e nos munirmos com a perseverança da Fé constante para superar todas as tentações. Por nosso Senhor Jesus Cristo, que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo pelos séculos dos séculos. Ámen.

115 Salmos 68 (67):36. O versículo tem nas modernas traduções feitas sobre o hebraico, uma redacção diferente. Leão Magno teria em mente a tradução latina dos salmos feita sobre a versão grega vulgarmente conhecida por Septuaginta.

110 116 2 Timóteo 3:12.



Martírio de São Lourenço, Jacques Honervogt I, a partir de gravura de Cornelis Cort (ca. 1538-1578) de uma pintura de Ticiano. 1610 ?, British Museum.



GREGÓRIO DE TOURS

GLÓRIA DOS MÁRTIRES

(SÉCULO VI)

41. Havia num certo lugar um templo consagrado pelas relíquias e pelo nome do bem-aventurado Lourenço. Estava muito arruinado, devido à incúria de há muito tempo. Ao quererem os habitantes dali restaurá-lo, dirigiram-se à floresta. Cortando e aplainando troncos, fazem traves e levam-nas em carroças. Quando as pousaram no chão para começarem o trabalho, repararam que uma delas era mais pequena. E logo uma enorme dor atingiu o espírito do sacerdote que presidia às obras. Chorando muito, não sabia o que fazer nem para onde se virar. Então, pondo os olhos naquele madeiro mais pequeno, disse: “Ó bem-aventurado Lourenço, tu, glorificado, que foste posto no fogo, que sempre favoreces e alentas os pobres: põe os olhos na minha pobreza, pois com a exiguidade das nossas posses não há maneira de se arranjar uma outra trave da mesma qualidade.” E logo perante o espanto de todos a trave cresceu com tão grande comprimento que foi necessário cortar-lhe uma grande parte. Considerando, com aquele zelo do povo, que era impiedade perderem-se estes benefícios, pois achavam que tinha sido tocada e prolongada pela mão do mártir, cortaram em bocadinhos a parte que sobrara. Estes curaram muitas vezes enfermidades várias, coisa que o presbítero Fortunato com estes versos celebrou¹¹⁷:

117 Venâncio Fortunato. Gregório transcreve apenas alguns versos do poema que nas antologias poéticas leva o título *Sobre a trave da basílica de São Lourenço*; assinalamos em itálico os restantes versos.

Lourenço, em chamas vivificas pelos teus méritos queimado,
 que com fé ardente do fogo saís vencedor,
homem outrora por Deus amado em teu corpo terreno
(pois então já no Céu estava o teu sentido),
 5 *que pudeste com o toque chamar à vida olhos sepultados,*
e à frente vazia trazer outra vez o dia –
que as extintas lucernas da vista de novo acendeste
lá fazendo o sinal da Cruz, nisso acreditamos!
Agora ainda novos milagres prestas aos povos,
 10 *para à fé sem dúvida trazeres assistência.*
 Enquanto as gentes com madeiro mais curto renovam o templo,
 cresceram as traves e cresceu a fé propícia.
 Por tua mercê se prolongou o ramo reduzido:
 quão pequeno antes fora, depois cortado foi.
 15 Pelos machetes talhada, mereceu a árvore crescer mais,
 e aprendeu a seca copa a ser mais elevada.
 De onde foi cortada, de lá retira o povo saúde:
 se chega sem receio, ganha vista o cego.
Tu, ó santo diácono, pela pena fiel purgado,
 20 *Onde antes chamas tiveste, agora tens luz.*
Vištos foram nestes tempos os ačtos do venerando prelado,
mas devem ser recordados no eterno dia.

Escreveu depois muitos mais versos, os quais omiti, transcrevendo apenas estes para dar testemunho do santo homem. Estas coisas aconteceram em Itália, na povoação de Brione. Na verdade eu próprio vi um homem que, sofrendo terrivelmente com dor de dentes, assim que lhe tocou o dente uma partícula deste madeiro recebida das mãos de um sacerdote, imediatamente ficou sem dor.

Cuidei que também não devia deixar passar em silêncio que, tendo sido salvas de um incêndio de guerra relíquias do madeiro, estas foram levadas por um homem para Limoges. Ele, como tivesse sido muitas vezes advertido em visões no sentido de as levar ao abade Arédio¹¹⁸ e não tivesse cumprido a ordem, tanto ele como a sua mulher e toda a família ficaram doentes. Então, forçado pela necessidade, assim que as levou ao santo homem, logo partiu de saúde restituída.

††

45. Há nessa mesma cidade de Milão uma basílica do diácono São Lourenço, de quem acima falámos. Ali havia um cálice de cristal, de admirável beleza. Ora, um dia, terminada a missa, quando era levado pelo diácono para o santo altar, escapou-se-lhe das mãos, caiu por terra e desfêz-se em pedaços. O diácono, pálido e exangue, colocou sobre o altar os cacos do vaso que diligentemente recolheu, sem perder a fé de que um milagre do mártir os pudesse reconstituir. Por fim, durante uma noite passada em vigílias, lágrimas e oração, achou o cálice refeito sobre o altar. Anunciado ao povo este milagre, os espíritos inflamaram-se com tamanha devoção que pediram ao sacerdote que celebrasse em honra dele uma nova festa a Deus. Então, o bispo da cidade, suspendendo o cálice sobre o altar, não só assim o fez, como instituiu que de futuro esta festa muito devotamente se celebrasse.



NOTAS ADICIONAIS

I. ALGUNS PROBLEMAS RELATIVOS À TRADIÇÃO HAGIOGRÁFICA DE SÃO LOURENÇO

1. Uma tradição muito divulgada e tardia faz São Lourenço originário da actual cidade espanhola de Huesca, de que é padroeiro. Seria filho de Orêncio e Paciência, também eles mártires. A questão é levantada na paixão de Policrónio e companheiros, datável do século VI, na qual Lourenço declara que era hispano de origem, mas educado como romano¹¹⁹. Uma vez que, como veremos, grande parte das versões da sua paixão derivam desta narrativa, é essa a tradição que Jacopo della Voragine recolhe na mais marcante das obras hagiográficas medievais, a *Legenda Aurea*, da segunda metade do século XIII. Nesta obra, São Lourenço é também associado a São Vicente, de quem seria primo. Segundo uma tradição que Voragine atribui a Jean Beleth, teólogo francês do séc. XII¹²⁰, o papa Sisto II teria conhecido na Hispânia os dois primos, que com ele vieram para Roma:

Lourenço, mártir e diácono, hispano de origem, foi levado para Roma pelo bem-aventurado Sisto. Com efeito, como diz o mestre Jean Beleth, como tivesse partido para a Hispânia o bem-aventurado Sisto, tendo aí encontrado dois jovens, Lourenço e o seu primo Vicente, plenos de honestidade nos costumes e notáveis em todo o seu comportamento, levou-os consigo para Roma. Um deles, Lourenço, ficou com ele em Roma; quanto a Vicente, seu primo, regressou à Hispânia, e aí deu fim à vida com glorioso martírio. (*Legenda Aurea* 113)¹²¹

A verdade é que esta origem hispânica não é referida por mais nenhuma outra fonte antiga, incluindo autores hispânicos de nascimento ou ascendência, como Prudêncio ou Dâmaso.

119 “Quantum ad genus Hispanus, eruditus uel nutritus Romanus [...]” (*Paixão de Policrónio e companheiros*, 27).

120 *De eccl. off.* 145.

121 Giovanni Paolo Maggioni (ed.), *Legenda aurea. Iacopo da Varazze* (2 vol.), Sismel, Florença, 1998.

2. A tradição hagiográfica de Lourenço apresenta vários outros problemas. Desde logo, o seu aspecto mais conhecido, o tormento da grelha, deverá ser questionado. Além de nesta altura ser desconhecido no Ocidente este tipo de execução, a verdade é que o testemunho contemporâneo de São Cipriano, também ele martirizado em 258, indica um procedimento bastante diferente. Na epístola 80, o bispo de Cartago declara que, segundo as informações que obteve dos seus correspondentes em Roma, as ordens imperiais eram de que o método de execução fosse a decapitação, sem recurso a tortura, já que o imperador não pretendia forçar conversões, mas simplesmente aniquilar os cristãos e confiscar os seus bens¹²². O uso da tortura parece mais consentâneo com as perseguições de Diocleciano, lançadas no ano 303. Embora já certamente conhecido nos finais do século IV e inícios do V, na medida em que Ambrósio, Prudêncio e Agostinho lhe fazem referência, a introdução da grelha poderá não passar de um acréscimo posterior, provavelmente inspirado nos mártires frígios Teódulo e Taciano, no tempo do imperador Juliano. Depois de o governador local ter reaberto um templo pagão, Teódulo e Taciano destruíram os ídolos, depois de terem forçado a entrada durante a noite. Foram torturados na grelha, e terão então lançado a célebre tirada: “vira-nos, para não ficarmos mal-passados”. O episódio é narrado, entre outros, pelos historiadores eclesiásticos do século V Sócrates Escolástico¹²³ e Sozómeneo¹²⁴. Seja como for, trata-se de um episódio típico na literatura hagiográfica, já presente na paixão visigótica de santa Eulália de Mérida, que, depois de submetida às chamas, declara: “O meu corpo foi queimado, e viu-se que sou forte: manda que ponham sal, para poder ficar mais saboroso em Cristo!”¹²⁵.

122 Cipriano, *Ep.* 81, 1.

123 *Hišlória Eclesiástica* 3, 15.

124 *Hišlória Eclesiástica* 5, 11.

Uma boa síntese sobre as questões associadas ao tormento da grelha pode ser lida em D. B. Green, “The martyrdom of st. Laurence reconsidered” in *English Benedictine History* 34 (2008), pp. 1-15. Ver também P. Franchi de’ Cavalieri “S. Lorenzo e il supplizio della graticola”, in *Römische Quartalschrift* 14 (1900), pp. 158-176; “Assum est, versa et manduca”, in *Note Agiografiche* V (Studi e Testi 27), Roma, 1915 (pp. 65-82).

3. Santo Agostinho, bem como outros autores da transição do século IV para o V, parece conhecer a paixão dos santos Sisto e Lourenço apenas por tradição oral, quando se lhe refere recorrendo a verbos como “diz-se” ou “recebemos”¹²⁶. Ainda assim o bispo de Hipona conhece, juntamente com Prudêncio e Ambrósio – as duas fontes mais antigas –, as linhas gerais da paixão, a saber: a) o diálogo com Sisto; b) a apresentação dos pobres como as riquezas da Igreja; c) o tormento da grelha e a tirada sarcástica. O martírio de Hipólito, por outro lado, não se encontra ainda associado ao de Sisto e Lourenço. Pode verificar-se esta fixação dos pontos essenciais do martírio de Sisto e Lourenço no quadro seguinte:

	Ambrósio	Prudêncio	Agostinho	Máximo de Turim	Leão Magno
Diálogo com Sisto	Off. 1, 41 Hino, 5-8	Per. 2, 21-32	Tratado Evang. S. João 27, 12		
Riquezas da Igreja	Off. 2, 28 Hino, 17-28	Per. 2, 45-312	Serm. 302, 8 Serm. 303, 1		Serm. 85, 2
Tormento da grelha	Off. 1, 41	Per. 2, 341-407	Serm. 303, 1	Serm. 4 Serm. 24	Serm. 85, 3-4
Fogo	Hino, 28-30				
Tirada sarcástica	Off. 1, 41 Hino, 31-32	Per. 2, 401-407	Serm. 303, 1		
Hipólito	---	---	---	---	---

É assim evidente que nos finais do século IV já estava plenamente formada a narrativa, com todos os seus pormenores. Terá efectivamente Ambrósio lido umas actas de São Lourenço, como afirma Hippolyte Delehaye, sem, no entanto, sustentar de forma convincente a sua convicção¹²⁷? Terá Prudêncio lido essas mesmas actas na Hispânia, ou ter-se-á inspirado em Ambrósio, que escreve em Milão entre 386 e 391? Assim, parece que no tempo de Ambrósio as referências aos mártires persas Ábdon e Senes, bem como a Santo Hipólito, estavam ausentes da paixão de Sisto e Lourenço.

O primeiro relato que conhecemos é a chamada “passio vetus”¹²⁸, que com poucas alterações encontraremos no Passionário Hispânico. Não é fácil estabelecer com segurança a sua cronologia, mas não deverá ser anterior à primeira metade do século V, altura em que se pode situar a associação definitiva entre os martírios de Sisto, Lourenço e Hipólito¹²⁹. Por outro lado, não deverá ser posterior aos inícios do século VI, época em que se situa a reelaboração constante da paixão de Policrónio e companheiros¹³⁰, de que falaremos mais abaixo. Também datável do século VI, pelo menos no que diz respeito ao seu núcleo mais antigo, é o *Liber Pontificalis*,

127 H. Delehaye, “Recherches sur le légendier romain”, in *Annalecta Bollandiana* 51 (1933), pp. 71 e seguintes. Ainda a propósito do suposto conhecimento por parte de Ambrósio de umas actas escritas, deve ser questionada a afirmação de E. Susi, no artigo sobre São Lourenço do *Il grande libro dei santi* (v. Nota bibliográfica), segundo a qual o bispo milanês teria à sua disposição o texto da BHL 7811-7812, ou seja a “passio vetus”. Como se pode retirar dos argumentos aduzidos por G. N. Verrando nos artigos citados por E. Susi, a “passio vetus” não terá sido composta antes de meados do século V, algumas décadas após a morte do bispo milanês.

128 Publicada em Verrando 1991, pp. 181-221.

129 Verrando 1991, p. 166.

130 É esta a opinião de, entre outros, Verrando 1990 (p. 177), embora o seu editor, H. Delehaye, aponte para uma data mais recuada, entre finais do século V e inícios do VI (Delehaye 1933).

que no capítulo respeitante à biografia de Sisto II oferece um resumo do martírio do papa e dos seus diáconos, entre os quais Lourenço, com pormenores que remetem claramente para a paixão tal como a conhecemos hoje:

Sisto, grego de nação e antigo filósofo, foi papa durante um ano, dez meses e vinte e três dias. Foi coroado com o martírio. Ocorreu nos tempos de Valeriano e Décio, tempo em que houve uma muito grande perseguição. Nesse tempo ele foi preso por Valeriano e levado para sacrificar aos demónios. Ele desprezou as ordens de Valeriano. Foi decapitado, e com ele seis outros diáconos: Felicíssimo e Agapito, Januário, Magno, Vicente e Estêvão, no dia oitavo dos idos de Agosto. [...] E após a paixão do bem-aventurado Sisto, três dias depois foi martirizado o bem-aventurado Lourenço, seu arcediogo, no dia quarto dos idos de Agosto, e o subdiácono Cláudio, e o presbítero Severo, e o cantor Crescente e o ostiário Romão. [...] Quanto a ele [Sisto] foi sepultado no cemitério de Calisto, na Via Ápia; os seis diáconos acima referidos no cemitério de Pretextato, na Via Ápia; o já referido bem-aventurado Lourenço, por seu lado, no cemitério de Ciríaca, no Agro Verano, numa cripta, com outros mártires. (*Liber Pontificalis* 25)

Sendo provável que pormenores como o erro cronológico que atribui o martírio às perseguições de Décio, acrescida do anacronismo que lhe associa Valeriano, indiciem que o *Liber Pontificalis* conhecia já o texto da “passio vetus”¹³¹, não se pode descartar a hipótese inversa de ter sido o *Liber Pontificalis* a influenciar a redacção da “passio vetus”. Conhecemos uma outra versão da paixão de Sisto, Lourenço e Hipólito que designamos por “passio recentior” (“paixão mais recente”). Consiste numa reelaboração plena de pormenores e milagres desconhecidos da “vetus”, e integrada num texto maior e mais complexo, a paixão de Policrónio e companheiros¹³². Desde a sua edição por Delehay,

131 Verrando 1990 p. 174.

132 Têm, pois, de ser revistas e rejeitadas as teses de autores que, como Fábrega-Grau, afirmam serem as secções da paixão de Policrónio relativas a Sisto, Lourenço e Hipólito a base de uma putativa recensão hispânica abreviada (Fábrega Grau I, p. 183).

é datada de finais do século V ou inícios do século VI¹³³, embora seja igualmente proposta a primeira metade do século VI¹³⁴. As secções relativas a Lourenço da “vetus” e da “recentior” vieram a ter circulação independente, constituindo a base para muitas das versões hoje conhecidas, entre elas a que se encontra no passionário do Lorvão, baseada na “recentior”.

A paixão aqui apresentada, BHL 7811-7812, constitui uma versão ligeiramente aumentada da chamada “passio vetus”. Além das inevitáveis pequenas variantes decorrentes da transmissão manuscrita, apresenta, como vimos, três adições assinaláveis:

- a. o diálogo entre Sisto e Lourenço (parágrafos 5-6);
- b. a sarcástica tirada “Está assado: vira e come!” (parágrafo 8);
- c. a oração de santo Hipólito antes de ser martirizado (parágrafo 9).

As duas primeiras adições, claramente as mais importantes, deverão ter tido origem em Milão, e são inspiradas no *Dos deveres dos clérigos* de Santo Ambrósio. A inserção do diálogo oferece outros problemas por enquanto de difícil solução, não tanto no que respeita à sua fonte, mas quanto ao facto de se saber se foi primeiro inserido na “passio vetus” e retomado na “passio recentior”, se o inverso. Certo é que o texto do Passionário Hispânico apresenta-se neste ponto muito mais próximo do texto original de Ambrósio do que qualquer um dos manuscritos usados por Delehaye para a sua edição da paixão de Policrónio¹³⁵.

Embora esta versão alargada da “vetus” tenha provavelmente origem milanesa, a verdade é que o códice mais antigo em que ela se acha completa é o manuscrito visigótico

133 H. Delehaye 1933, pp. 34-98.

134 Verrando 1990, p. 177.

122 135 H. Delehaye 1933, pp. 34-98.

136 Verrando 1991, p. 202.

originário do mosteiro de San Pedro de Cardena (Burgos) datável do século X que serve de base à edição do Passionário Hispânico de Fábrega-Grau¹³⁶ e à nossa tradução.

Constituem leitura indispensável sobre os problemas abordados nos parágrafos precedentes dois artigos de G. Verrando: “Alla base e intorno alla più antica Passio dei Santi Abdon e Sennes, Sisto, Lorenzo ed Ippolito”, *Augustinianum* 30 (1990), pp. 145-187; “Passio SS. Xysti Laurentii et Yppoliti. La trasmissione manoscritta delle varie recensionii della cosiddetta Passio vetus”, *Recherches Augustiniennes* 25 (1991), pp. 181-221.

3. Problemática é também a convergência da tradição de Sisto e Lourenço com a de Hipólito. As duas primeiras surgem associadas desde muito cedo, como se pode verificar nos textos aqui traduzidos de Santo Ambrósio e Prudêncio. Já o martírio de Hipólito, personagem de identificação histórica problemática, é mais fácil de definir como uma adição posterior, já que não só se acha ausente dos textos mais antigos, como Prudêncio lhe dedica em separado o hino 11 do *Peristephanon*, composto já após a sua estada em Roma (401-403), sem qualquer referência a São Lourenço, o que pode indicar com elevado grau de certeza que a associação não estava ainda feita nos finais do século IV e inícios do século V. Mais ainda, no hino de São Lourenço, Prudêncio declara que o mártir foi libertado “fiador de si mesmo” (v. 139), o que contraria a tradição posterior, presente na paixão aqui traduzida, segundo a qual Hipólito era um soldado encarregado de vigiar Lourenço durante a trégua conseguida para reunir as riquezas da Igreja. Esta construção hagiográfica de Santo Hipólito terá sido formada no século IV, época em que já aparece referida a sua festa na *Depositio martyrum*, imediatamente após a de Lourenço e igualmente na Via Tiburtina, o que poderá ser uma das principais razões que levaram à sua associação. Segundo a tradição, morreu arrastado por cavalos indómitos,

como Prudêncio descreve, o que poderá ser uma reminiscência do mito grego de Hipólito (“Libertador dos Cavalos”), morto depois de os cavalos que conduziam o seu carro se terem assustado com um monstro enviado por Posídon e se terem precipitado numa ravina. Prudêncio descreve com grande pormenor uma pintura mural hoje desaparecida, na sua catacumba em Roma, que ilustra este terrível suplício. A associação ao martírio de Lourenço poderá ter sido motivada pela proximidade das datas das suas festas, 10 de Agosto para Lourenço, 13 para Hipólito, e estaria já estabelecida em Roma na primeira metade do século V.

Certo parece ser que na Hispânia o culto a Santo Hipólito era ainda independente no início do século V, pois, como já assinalámos, Prudêncio dedica-lhe um hino separado. Em meados do século VII, por outro lado, Protásio de Tarragona encomenda a Eugénio de Toledo orações para o dia de Santo Hipólito, provavelmente as constantes do Oracional de Tarragona, o único livro litúrgico de época seguramente visigótica (s. VII-VIII). Juntando a isto o facto de só o sacramentário de Toledo (s. IX) registar uma missa comum aos três mártires, então talvez se possa apontar este período como sendo aquele em que, na Hispânia, a tradição hagiográfica de Santo Hipólito conflui definitivamente nas de Sisto e Lourenço. É de assinalar, contudo, que outros livros litúrgicos posteriores continuaram a reservar leituras e missas separadas para os três santos. Acresce ainda que o passionário do Lorvão, códice do século XII, ignora as paixões de Sisto e Hipólito, apresentando uma paixão de São Lourenço retirada da mais tardia “passio recentior”.

4. O texto padece de uma assinalável imprecisão cronológica. Assim, é atribuída a Décio a perseguição na qual Sisto, Lourenço e Hipólito foram martirizados. Contudo, em 258 era imperador Valeriano, que reinou entre 253 e 260 com o filho Galieno. Décio, cujo curto principado decorreu entre 249 e 251, está portanto inocente do sangue destes homens. A sua participação nesta narrativa dever-se-á ao facto de ser um nome bastante mais conhecido na tradição hagiográfica ocidental do que Valeriano. Por outro lado, o texto atribui a Décio e a um prefeito Valeriano (certamente eco do

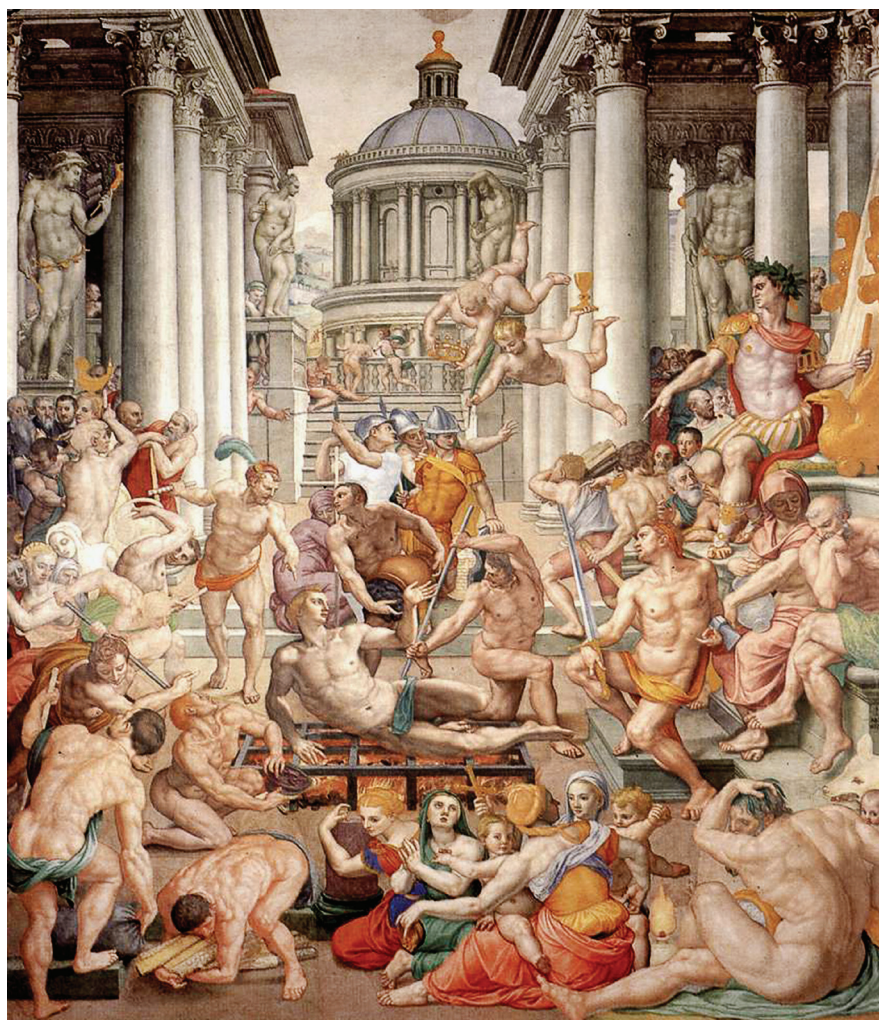
verdadeiro perseguidor de Sisto e Lourenço) uma morte repentina e simultânea, ao entrarem no anfiteatro, enquanto gritam o nome de Lourenço. Ora, Décio morreu muitos anos antes, em 251, na batalha de Abrito, contra os Godos. Quanto ao imperador Valeriano, morreu no cativeiro, às mãos dos Persas, entre 260 e 264.

II. A PERSEGUIÇÃO DE VALERIANO

Esporádicas e localmente circunscritas, as perseguições aos cristãos começaram em larga escala com Décio (imperador entre 249-251), em Janeiro do ano 250. Até à sua morte em batalha, em 251, funcionários imperiais percorreram as províncias, obrigando os habitantes do Império a sacrificar aos deuses. Caso o fizessem, era passado um certificado de que sobreviveram alguns exemplos conservados na secura das areias do Egito. Em caso de recusa, o destino era a prisão e a morte. Após uma guerra civil, a Décio sucedeu Valeriano, imperador entre 253-260, com o filho Galieno. Durante os primeiros anos do seu principado foi suspensa a perseguição, tendo a Igreja vivido num ambiente de relativa tolerância. Em 257, porém, Valeriano quebrou de forma inesperada a paz. Numa primeira fase, o seu ataque consistiu em proibir que a comunidade se reunisse ou visitasse os seus cemitérios. No ano seguinte, rebentou com toda a violência a perseguição, com a ordem de execução dos bispos, padres e diáconos. A carta 80 de São Cipriano, ele próprio vítima desta perseguição, constitui um importante testemunho contemporâneo do ambiente que então se vivia em Roma e nas províncias.

III. ALGUMAS IGREJAS PORTUGUESAS DEDICADAS A SÃO LOURENÇO

- Igreja de São Lourenço de Carnide (Lisboa), do século XIV.
- Capela de São Lourenço (Tomar), do início do século XVI, que deve o seu nome à tradição segundo a qual naquele lugar se teriam reunido as tropas de D. Nuno Álvares Pereira, a 10 de Agosto de 1385.
- Igreja de São Lourenço de Almancil, de finais do século XVII.
- Ermida de São Lourenço (Abrantes), provavelmente construída sobre uma mais antiga ermida, já referida em 1430.
- Capela de São Lourenço (Bombarral), da primeira metade do século XVI.
- Igreja de São Lourenço (Azeitão), construção do século XVI feita sobre uma igreja do século XIV com a mesma denominação.
- Igreja de São Lourenço (Alhos Vedros), construção do século XVI feita sobre uma igreja com a mesma denominação, do século XIII.
- Igreja e Colégio de São Lourenço (Porto), também conhecidos como Igreja e Convento dos Grilos, cuja construção foi iniciada em 1577.
- Igreja de São Lourenço de Pias (Lousada), do século XVIII.



A. Bronzino, *Martirio de São Lourenço*, 1569, Fresco, San Lorenzo, Florença



NOTA BIBLIOGRÁFICA

Para uma leitura mais aprofundada sobre São Lourenço e a história do seu culto, veja-se:

- S. Carletti, “Lorenzo”, in *Bibliotheca Sanctorum* 8, Istituto Giovanni XXIII della Pontificia Università Lateranense, Roma, 1967, pp. 107-122.
- A. Benvenuti, C. Baldasseroni Battigelli, E. Giannarelli, *Il diacono Lorenzo. Tra storia e leggenda*, Firenze, 2001.
- M. G. Bayo, “De Prudencio a Berceo. El tema del martirio de Lorenzo”, in *Berceo* 18 (1951), pp. 5-26.
- D. B. Green, “The martyrdom of st. Laurence reconsidered”, *English Benedictine History* 34 (2008), pp. 1-15.
- G. N. Verrando, “Alla base e intorno alla più antica Passio dei Santi Abdon e Sennes, Sisto, Lorenzo ed Ippolito”, *Augustinianum* 30.1 (1990), pp. 145-187.

Sobre o método hagiográfico em geral e sobre a hagiografia hispânica em particular, veja-se: R. Aigrain, *L'hagiographie. Ses sources - Ses méthodes - Son histoire*, Subsidia Hagiographica 80, Bruxelas, 1953 (2000); H. Delehaye, *Les légendes hagiographiques*, Bruxelas, 1905; H. Delehaye, *Les passions des martyrs et les genres littéraires*, Bruxelas, 1921; H. Delehaye, “Recherches sur le légendier romain”, *Analecta Bollandiana* 51 (1933), pp. 34-98; A. Fábrega Grau, *Pasionario Hispánico. Vol I. Monumenta Hispaniae Sacra*, serie litúrgica, 6. Barcelona-Madrid, 1953; B. de Gaiffier, “Hagiographie hispanique”, *Analecta Bollandiana* 66 (1948), pp. 299-318; B. de Gaiffier, “La lecture des Actes des martyrs dans la prière liturgique en Occident”, *Analecta Bollandiana* 72 (1954), pp. 134-166; C. García Rodríguez, *El culto de los santos en la España Romana y Visigoda*, Madrid, 1966.

Sobre as igrejas de São Lourenço em Roma, veja-se C. Pietri, *Roma Christiana*, vol. 1, Roma, 1976, pp. 37-40; H. Geertman,

“«Cripta anulare ‘ante litteram’»: Forma, contesto e significato del monumento sepolcrale di San Lorenzo a Roma”, in *Martyrium in Multidisciplinary Perspective*. Memorial Louis Reekmans, 1995, pp. 125-156; M. Webb, *The Churches and Catacombs of Early Christian Rome*, Brighton, 2001.



Para a tradução dos textos apresentados recorreremos às seguintes edições dos originais latinos:

- **Paixão:** A. Fábrega Grau, *Pasionario Hispánico*. Vol II. Monumenta Hispaniae Sacra, serie litúrgica 6, Barcelona-Madrid, 1953; G. N. Verrando, “«Passio SS. Xysti Laurentii et Yppoliti» La trasmissione manoscritta delle varie recensioni della cosiddetta Passio vetus” in *Recherches Augustiniennes* 25 (1991), pp. 181-221.
- **São Dâmaso:** A. Ferrua, *Epigrammata Damasiana*, Roma, 1942.
- **Prudêncio:** M. P. Cunningham, Prudentius. *Carmina* (Corpus Christianorum, Series Latina, 126), Turnhout, 1966.
- **Santo Ambrósio:** J. Fontaine, *Ambroise de Milan. Hymnes*, Paris, 1992; sobre o hino, veja-se G. Nauroy, “Le martyre de Laurent dans l’hymnodie et la prédication des IVe et Ve siècles et l’authenticité ambrosienne de l’hymne ‘Apostolorum supparem’”, *Revue des Études Augustiniennes*, 35 (1989), pp. 44-82. M. Testard, *Sancti Ambrosii Mediolanensis De Officiis*. (Corpus Christianorum Series Latina, 15), Turnhout, 2000, pp. 76-78; 146-148.
- **Santo Agostinho:** M. Recchia, *Opere di Sant’Agostino. Discorsi*, Nuova Biblioteca Agostiniana, vol. 33, Roma, 1986.
- **São Leão Magno:** A. Chavasse, *Sancti Leonis Magni Romani pontificis tractatus septem et nonaginta*. (Corpus Christianorum Series Latina, 138A), Turnhout, 1973.

- **Gregório de Tours:** B. Krusch, *Monumenta Germaniae Historica. Scriptorum Rerum Merovingicarum Tom. I, Pars II*, Hannover, 1885 (1969).
- **Venâncio Fortunato:** M. Reydellet, Venance Fortunat, *Poèmes. Livres IX-XI*, Paris, Les Belles Lettres, 2004.

Os livros litúrgicos citados na introdução estão editados nas seguintes publicações: L. Brou – J. Vives, *Antifonario visigótico mozárabe de la Catedral de León*. Monumenta Hispaniae Sacra, serie litúrgica, vol. 5, Madrid-Barcelona-León, 1953, pp. 385-386; J. Pérez de Urbel – A. Ruiz-Zorrilla, *Liber Commicus*. Monumenta Hispaniae Sacra, serie litúrgica 2-3, Madrid, 1950, II, pp. 457-458; M. Férotin, *Le Liber Mozarabicus Sacramentorum et les manuscrits mozarabes*, Paris, 1912, col. 390-395; 830-832; A. Nascimento, “Um novo testemunho do Passonário Hispânico: um códice lorvanense da primeira metade do séc. XII”, in *Sub luce florentis calami. Homenaje a Manuel C. Díaz y Díaz*, Universidade de Santiago de Compostela, 2002, pp. 425-477; republicado em *Ler contra o Tempo. Condições dos textos na cultura portuguesa (recolha de estudos em Hora de Vésperas)*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2012, pp. 425-350; A. Olivar, *El Sacramentario de Vich. Estudio y edición*. Monumenta Hispaniae Sacra, serie litúrgica 4, Barcelona, 1953, pp. 80-81; 85; A. Olivar, *Sacramentarium Rivipulense*. Monumenta Hispaniae Sacra, Serie Litúrgica, vol. VII, 1964, pp. 164-168. A inscrição do século VI em Loja, Córdoba, está em Vives 1942, n.º 316. As doações medievais de igrejas dedicadas a São Lourenço à Sé de Coimbra encontram-se em M. A. Rodrigues – A. de Jesus da Costa, *Livro Preto: Cartulário da Sé de Coimbra*, Coimbra, 1999, doc. 12 (ano 883); 537 (1107). As doações medievais de igrejas de São Lourenço à Sé de Braga encontram-se em A. J. Costa, *Liber fidei sanctae Bracarensis ecclesiae*, 3 vols., Braga, 1965, 1975, 1990, doc. 163-164 (ano 1101), 526 (1151), 528 (1147), 548 (1158).



SAINT LAWRENCE



Palma Giovane, *St Lawrence Giving the Wealth to the Poor*,
1581-82 San Giacomo dall'Orto, Venice

I.

The martyrdom in the
hagiographic tradition

II.

The cult

I. The martyrdom in the hagiographic tradition

According to the hagiographic tradition, the deacon of the Diocese of Rome Saint Lawrence was martyred on 10 August, 258 A.D., under the edict issued by Emperor Valerian. The oldest surviving texts, such as those by Ambrose, Prudentius and Augustine from the late 4th and early 5th centuries, all agree on the following: i) Pope and martyr Sixtus II's prophecy regarding Lawrence's death; ii) that he gathered together Rome's poor and ill and presented them as the true treasures of the Church; iii) his torture by roasting. Later on, he would also become associated with the martyrdom of Saint Hippolytus. For now, we will focus on Saint Sixtus and Saint Lawrence.

1. THE PROPHECY OF SIXTUS

Following imperial orders commanding the execution of all members of the ecclesiastical hierarchy, bishop Sixtus II and four of his seven deacons were arrested in Rome. Sixtus trusted Lawrence with the Church's wealth, and advised him to sell and distribute it to the poor. The Pope was martyred on 6 August, 258. As Sixtus was being led to his death, Lawrence appeared, tears streaming down his face, following his bishop. Let us not be mistaken: the Levite was not weeping because of Sixtus' imminent death, but lamenting his own survival, and he scolded his master for sparing his life. According to the promise that Sixtus made to his beloved disciple, the Levite had only three more days left on earth. These parting words comforted Lawrence and symbolically marked the beginning of his martyrdom. This episode is first mentioned in *On the Duties of the Clergy* by Saint Ambrose, written between 386 and 391, and in hymn 2 of Prudentius's *Peristephanon*, probably written between 392 and 401.

2. ROME'S POOR AND THE SICK ARE THE TREASURES OF THE CHURCH

At the time, emperors Valerian and Galien were abroad engaged in military operations at the Empire's borders. Back in Rome, they left the city prefect,

Publius Cornelius Saecularis, whose name is unknown to the hagiographic tradition, with ultimate powers over Rome. Coveting the Church's renowned wealth, the prefect demanded that Lawrence bring him the riches under his charge. Pretending to agree to the demands of the persecutor, Lawrence requested three days to gather all the said riches. But if the magistrate had been expecting precious ornaments and the treasures of the legacies of the Christians, the riches Lawrence offered him were of a very different kind: before the incredulous, enraged prefect paraded an army of indigents and cripples that the archdeacon had taken off the streets of Rome. *Here are the treasures of the Church*, Lawrence declared, in a sentence that became one of the main topics of his Passion: they were the true, incorruptible gold, weak bodies yet purer and more beautiful than the pampered bodies of the mighty, ravaged from inside by a moral leprosy.

3. TORTURE BY GRIDIRON

Indifferent to his argument and livid at being deceived, the prefect ordered Lawrence to be executed. Aware, however, that death was the deacon's deepest desire, that he yearned to abandon earthly life and find the glory of Christ, the magistrate ordered his torture to be drawn out so as to make his death as painful as possible. Lawrence was subsequently placed on a metal gridiron with hot coals beneath it. The Levite bore the horrible torment impassively, and even kept his wit intact in one of hagiographic literature's most famous remarks: realising that one half of his body was already significantly burnt, the martyr raised his voice and uttered these famous words to the executioner: "It is well done. Turn me over!"

III. The Cult

1. THE CULT IN ITALY

Lawrence died on the tenth day of August, 258. According to the *Depositio martyrum* included in the *Calendar of Philocalus*, dating in 354, his body was buried on the Via Tiburtina, which immediately became a place of worship. Later on, a basilica was built here during the reign of Emperor Constantine, approximately half a century after the martyrdom. The importance of Saint Lawrence's cult is reflected in the fact that his shrine was renovated in the 4th century, the first example of imperial patronage of a saint's church. Emperor Constantine (306-337) had a basilica built over Saint Lawrence's burial site, in the cemetery of Cyriaca, in *Agro Verano* (Via Tiburtina), with access to the catacomb which is in what is now the basilica of Saint Lawrence outside the Wall, so called because it was, at the time, beyond the city walls.

Up until about 580, when Pope Pelagius II (579-590) decided to build an *ad corpus* Basilica, i.e. one within the catacomb itself, there are accounts of several papal initiatives that reveal the cult's strength and which founded an actual town around the shrine. To mention but a few examples, both Pope Zosimus (417-418) and Pope Sixtus III (432-440) were buried in the catacomb, near the martyr's tomb; Pope Hilarius (461-468) built a papal residence, a monastery, public baths and a library with one section for Latin writers and another for Greek writers, as was standard, while his successors, Simplicius (468-483) and Felix III (483-492) built churches here dedicated to Saint Stephen and to Saint Agapitus. In 1217, Pope Honorius III (1216-1227) significantly expanded the former basilica of Pelagius II for the ceremonies of the coronation of Pierre de Courtenay as the Latin Emperor of Constantinople. The basilica underwent further renovations between 1855 and 1864, when Virginio Vespignani removed the additions that had been made during the baroque period and went on to add contemporary decorative features. The modern-day structure only dates back to 1948 when, after suffering

profound damage from the allied bombing of 19 July, 1943, it was rebuilt and Vespignani's additions were discarded. The basilica of Saint Lawrence outside the Walls is one of the five Patriarchal basilicas of Rome, alongside the basilicas of Saint John Lateran, Saint Peter, located in the Vatican, Saint Paul Outside The Walls and Saint Mary Major.

Another important Roman church is the San Lorenzo basilica in Damaso which according to tradition was built by Saint Damasus in 380. Its first documented report is from 499, around the time of the synod held by Pope Symmachus. Located in the immediate vicinity of the ancient theatre of Pompey, it is the first known church dedicated to a saint within the city walls, which alone bears testament to this martyr's importance to the Roman church of the time. It has always been a titular church and was designated in the synod of Pope Symmachus, as was common practise back then, after its founder, i.e. *titulus Damasi*. The building standing there is today part of the Palazzo della Cancelleria and is a modern construction which began in the 16th century and was finished in the 18th.

An important basilica built in the late 4th and early 5th century once stood in Milan. The current day building, the basilica of San Lorenzo Maggiore, is the result of several reconstructions that culminated in the 18th century. There are only a few traces left of the primitive building, such as the chapel of Saint Aquilino, which dates back to the church's foundation and where magnificent Palaeo-Christian mosaics can still be seen.

2. THE CULT IN HISPANIA

In the final verses of the second hymn of *Peristephanon*, written in the late 4th century, Prudentius alludes to the cult of Saint Lawrence in Rome, lamenting the inexistence of relics of the martyr in Spain. The absence of relics does not, however, mean that a cult did not exist. The verses are too vague to be able to clearly grasp the true importance the cult had south of the Pyrenees. One thing we are

certain of is that a little over a hundred years later, in the 6th century, relics appeared for the first time in Spain, recorded on a marble base originally from the church of Saint Peter and Saint Paul, in Loja (Cordova). Possibly in the 6th century, and certainly by the first half of the 7th, a chapel dedicated to Saint Cyprian and Saint Lawrence was consecrated in Merida. Around this time, the *Lives of the Holy Fathers of Emerita* was written, containing an account of both saints appearing to a widow who, day after day, attempted in vain to reach the basilica of Saint Eulalia, where the dying bishop Fiel, who served between 560 and 571, was handing out debt settlement notes to the poor (*Lives*, 4, 10).

The same writings contain another account of the cult, this time during the time St. Renovatus (†633), who later became bishop of Merida, was the abbot of the monastery of Cauliana, near Mérida. Here in this monastery, Saint Lawrence appeared before a dying monk, flanked by the apostles, Peter and Paul (*Lives*, 2, 20). The veneration of Saint Lawrence in Spain is currently very strong in Huesca, a town that claims to be the martyr's birthplace, and also in Valencia, whose cathedral is believed to hold the Holy Grail, which the martyr sent from Rome. This is, in fact, a much more recent tradition which claims that among the riches entrusted to Lawrence by Sixtus was the Holy Grail, which the martyr had sent to Huesca. The first relatively solid accounts only date from 1071 onwards, when a document appeared referring to a precious chalice kept in the monastery of San Juan de la Peña, Huesca. From there, it travelled to Zaragoza, into the hands of the Aragonese king, Martin I, in 1399, and ended up in the possession of Alfonso V the Magnanimous, who placed it in the cathedral of Valencia in 1424, where it can still be seen to this day. The cup can be traced back to the first century BC, and it is mounted onto a much older stem. One of the sources of this relatively modern legend is a text published in Salamanca in 1636, *The Life and Martyrdom of the Glorious Spaniard St. Lawrence taken from some ancient writings of the celebrated Abbot Donato* by Lorenzo Mateu y Sanç.



Our martyr holds a distinctive place in Hispanic liturgy. The *oracional* (prayer-book) of Tarragona, a codex from the late 7th- or early 8th-century, contains seven prayers for Saint Lawrence's day. All but one make a play on words between the wicked flames of his martyrdom and the brilliant flame of sanctity.

Several other liturgical books mention texts, masses and sermons dedicated to Saint Lawrence's day. One 9th-century manuscript contains a mass shared by Saint Sixtus, Saint Lawrence and Saint Hippolytus, and a Divine office for Saint Lawrence's day on 10 August. The 10th-century Antiphony of Leon, which is based on a 7th-century model, just commemorates the feast of Saint Lawrence, overlooking Sixtus and Hippolytus. In the territory that is the present-day Portugal, the Passionary of Lorvão, from the first half of the 12th century, contains a Passion of Saint Lawrence taken from a section corresponding to the Passion of Saint Polychronius and his companions.

3. THE CULT IN PORTUGAL

The oldest reference of a church dedicated to Saint Lawrence on Portuguese soil can be found in a document dated 25 September, 883, when Alfonso III of León and his wife, Jimena, donated a church near Travassô (Águeda), by the river Cértima, to Dom Sesnando, bishop of Compostela. Without doubt, this is the very same settlement and parish that still stand, called São Lourenço do Bairro, in the municipality of Anadia. The foundations of the church of São Lourenço dos Francos, belonging of the municipality of Lourinhã (diocese of Lisbon) could also date back to the 9th century, although the current building is the result of 16th and 17th century reconstructions. In the 12th century, several references are made to churches of Saint Lawrence. This is the case for the donations made to the See of Braga from the chapel built by Gonçalo Tauroniz in 1101, the church donated by Bermudo Bermudes in 1147 (municipality of Amares), mentioned by Mondo Gomes in a 1151 document ('Sancti Laurentii de Calvelo'), the modern-day S. Lourenço do Mato,

municipality of Ponte de Lima (also called ‘de Arcelos’ in a 1158 document). In 1107, among other assets, Aimar and his wife donated a church dedicated to Saint Lawrence to the See of Coimbra.

In Portugal, Saint Lawrence is the patron saint of a large number of parishes: no less than 61, spread out over almost all the dioceses of the mainland, with the exception of Beja and the Algarve, a clear indication of the importance of the martyr’s cult in our country. For a complete list, consult the Catholic Directory of Portugal: http://www.portal.ecclesia.pt/anuario/lista_oragos.asp.



ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
I. O martírio na tradição hagiográfica	10
II. O culto	14
O culto em Roma	14
O culto na Hispânia	16
O culto no actual território português	19
TEXTOS SOBRE SÃO LOURENÇO	23
I. A Paixão	24
II. São Dâmaso	28
III. Prudêncio	29
IV. Santo Ambrósio	31
V. Santo Agostinho	33
VI. São Leão Magno	35
VII. Gregório Magno	36
VIII. Venâncio Fortunato	37

SÃO LOURENÇO, DIÁCONO E MÁRTIR	39
1. Paixão de Sisto, Lourenço e Hipólito	40
2. São Dâmaso, <i>Epigrama</i> 33	49
3. Prudêncio, <i>Peristephanon</i> 2	51
4. Santo Ambrósio, Hino 13	89
Santo Ambrósio, <i>Dos deveres dos clérigos</i> I.41 ; 2.28	93
5. Santo Agostinho	101
<i>Sermão</i> 302	101
<i>Sermão</i> 303	103
6. São Leão Magno, <i>Sermão</i> 85	107
7. Gregório Magno, <i>Glória dos Mártires</i> 41; 45	113
NOTAS ADICIONAIS	117
I. Alguns problemas relativos à tradição hagiográfica de S. Lourenço	117
II. A perseguição de Valeriano	125
III. Algumas igrejas portuguesas dedicadas a S. Lourenço	126
NOTA BIBLIOGRÁFICA	129
SAINT LAWRENCE	133



TÍTULO

Santos e Milagres
na Idade Média em Portugal
SÃO LOURENÇO

AUTOR

ANDRÉ SIMÕES

CAPA

André Oliveira

GRAFISMO

André Oliveira

EDITOR

TRADUVÁRIUS

IMPRESSÃO

Gráfica Vilaverdense – Artes Gráficas, Lda.

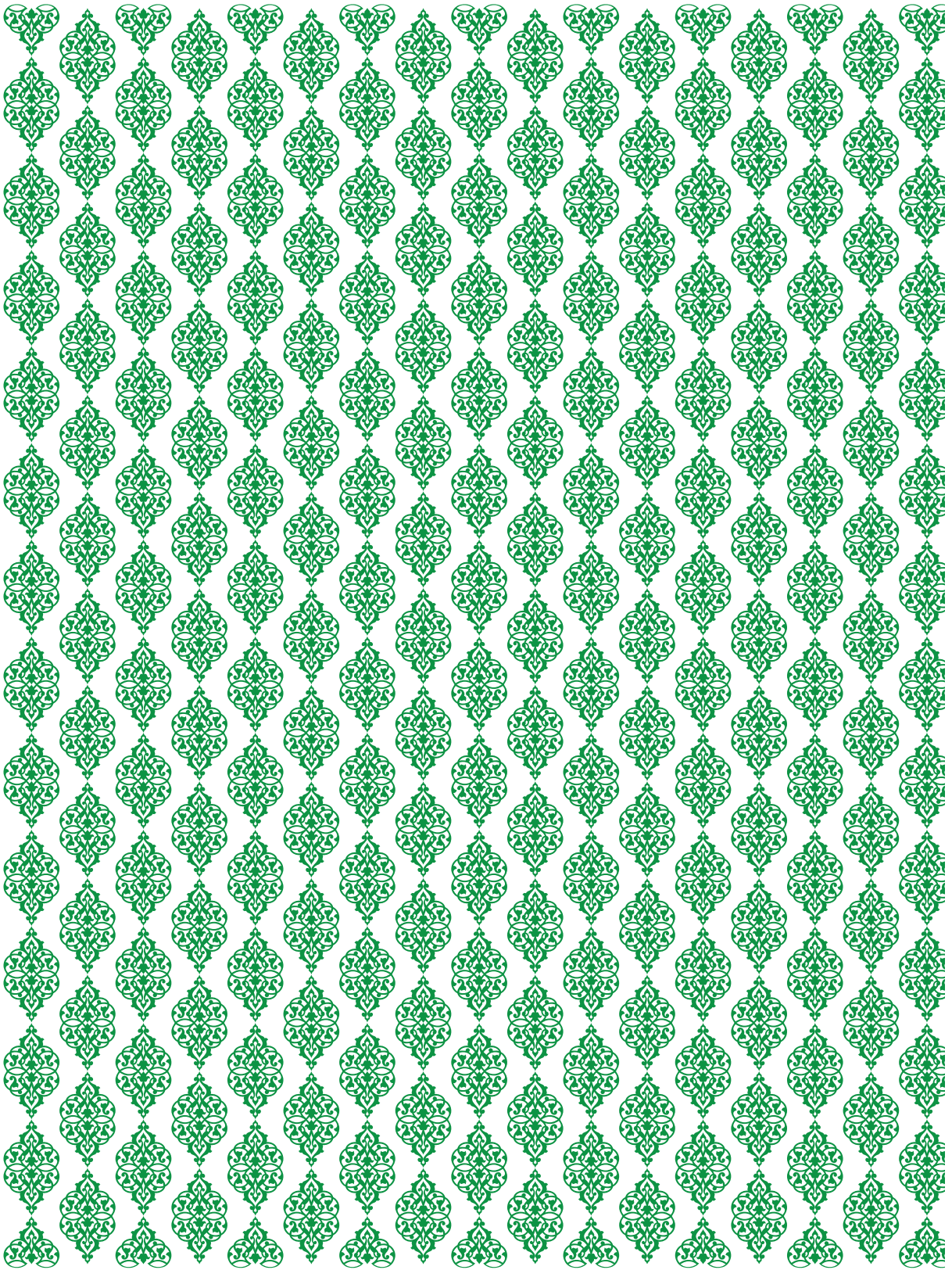
DEPÓSITO LEGAL

ISBN

978-989-96989-7-0

LISBOA – 2013

(Assinatura / *signature*)





SANTOS E MILAGRES
NA IDADE MÉDIA EM PORTUGAL

Lista preliminar

- 1 S. VICENTE
- 2 STA. EULÁLIA
- 3 STA. ENGRÁCIA E S. FÉLIX
- 4 S. SEBASTIÃO
- 5 STA. JUSTA E S. CUCUFATE
- 6 S. JULIÃO
- 7 S. LOURENÇO
- 8 STO. ESTÊVÃO
- 9 STO. ADRIÃO E S. MANÇOS
- 10 S. MAMEDE E S. JORGE
- 11 S. VERÍSSIMO E S. CRISTÓVÃO
- 12 S. NICOLAU E SANTIAGO